



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA – AMÉRICA LATINA

A ITAIPU E O “PROGRESSO”
UMA ANÁLISE DA MEMÓRIA DE EX-TRABALHADORES (1973-2016)

IGOR DA SILVA BATISTA

Foz do Iguaçu
2016



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA – AMÉRICA LATINA

A ITAIPU E O “PROGRESSO”
UMA ANÁLISE DA MEMÓRIA DE EX-TRABALHADORES (1973-2016)

IGOR DA SILVA BATISTA

Trabalho de Monografia apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História – América Latina.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Renato da Silva

Foz do Iguaçu
2016

IGOR DA SILVA BATISTA

A ITAIPU E O “PROGRESSO”

UMA ANÁLISE DA MEMÓRIA DE EX-TRABALHADORES (1973-2016).

Trabalho de Monografia apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História – América Latina.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Paulo Renato da Silva
UNILA

Prof. Dr. Pedro Afonso Cristóvão Dos Santos
UNILA

Prof. Me. Odirlei Manarin
Secretaria de Estado da Educação do Paraná

Foz do Iguaçu, 14 de julho de 2016.

Dedico este trabalho a todos os moradores
do bairro da Vila "C".

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por sempre me dar forças e me motivar a nunca desistir.

Agradeço ao meu orientador Paulo Renato, pelas orientações pontuais e essenciais, mas acima disto pelo ser humano que ele é, por ter acreditado no meu potencial, não ter desistido da minha pesquisa e sempre me motivar a me aprofundar cada vez mais no meu trabalho.

Agradeço a disponibilidade dos entrevistados, de abrir as portas de suas casas e me contarem suas histórias de vida. Sem eles este trabalho não seria possível.

Minha família que desde pequeno me ensinou a importância dos estudos, em especial ao meu querido pai que foi a minha grande motivação em pesquisar o tema deste trabalho e ter me ajudado contando um pouco mais sobre a vida na Vila “C” na época da construção de Itaipu.

A minha gratidão aos meus amigos unileiros Mayck, Bruno, Isadora e Letícia e toda a turma de 2012, que me ajudaram nestes longos quatro anos e meio, de um curso tão magnífico como o de História – América Latina.

Meu especial agradecimento aos outros moradores da Vila “C”, professores da UNILA, ao meu querido grupo de jovens JADAS pelo apoio eterno e outros amigos que de uma forma ou outra me ajudaram com a pesquisa, meu muito obrigado.

Por último, porém a ajuda mais importante que eu tive, foi da minha namorada e futura esposa Mariana, por estar ao meu lado nos momentos de turbulência, quando não parecia ter um fim ela sempre esteve lá para me mostrar o quanto eu sou capaz.

*“Não Vale a pena mergulhar nos sonhos
e esquecer de viver”*

Alvo Dumbledore

BATISTA, Igor da Silva. **A Itaipu e o “Progresso”**: Uma análise da memória de ex-trabalhadores (1973-2016). 2016. 82 páginas. Trabalho de Monografia (História – América Latina) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2016.

RESUMO

Este trabalho pretende analisar como a história de um “discurso progressista”, construída pela Usina Hidrelétrica de Itaipu, se relaciona com a cidade de Foz do Iguaçu e com a memória de ex-trabalhadores e ex-trabalhadoras da barragem. Funcionários e funcionárias advindos de outras regiões do Brasil, que chegaram a Foz do Iguaçu nas décadas de 1970 e 1980 e se instalaram em um bairro construído para abrigar estes ex-trabalhadores, denominado Vila “C”. O trabalho consiste em analisar “espaços de memória” construídos pela empresa que remetem a uma harmonia entre máquina, homem e natureza e também analisar alguns livros que abordam a temática. Esses espaços e materiais serão confrontados com as entrevistas orais com ex-trabalhadores e ex-trabalhadoras de Itaipu, que ainda vivem no bairro da Vila “C” e evidenciam que mesmo com uma memória positiva sobre a barragem, as pessoas entrevistadas mostram em determinados pontos das entrevistas que têm um olhar crítico em relação ao “progresso” que Itaipu construiu em suas vidas e na cidade de Foz do Iguaçu.

Palavras-chave: Itaipu, Progresso, Memória, Vila “C”, Foz do Iguaçu.

BATISTA, Igor da Silva. **Itaipu and “Progress”**: An analysis of the memory of former workers (1973-2016). 2016. 80 páginas. Trabalho de Monografia (História – América Latina) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2016.

ABSTRACT

This paper intend to analyze how the history of a “progressive speech”, built by the Itaipu Hydroelectric Power Plant, relates to the city of Foz do Iguaçu and with the memory of former workers of the dam. Employees coming from the other regions of Brazil, who arrived in Foz do Iguaçu in the 1970s and 1980s and settled in a neighborhood built to house this former workers, called ‘Vila C’. This paper consists in analyze "memory spaces" built by the company who refers an a harmony between machine, man and nature and also examine some books that address the topic. Will be discuss with oral interviews with former workers of Itaipu, who still live in Vila "C" and show that even with a positive memory of the dam, the people interviewed show at certain points of the interviews they have a critical look at the "progress" that Itaipu built in their lives and in the city of Foz do Iguaçu.

Key words: Itaipu, Progress, Memory, Vila “C”, Foz do Iguaçu.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A CHEGADA DO “PROGRESSO” AO OESTE	14
3 OS “FORASTEIROS”	37
3.1 - O TRABALHO NA ITAIPU BINACIONAL.....	39
3.2 – O Bairro da Vila “C”	48
3.3 – <i>A Vida Com o Fim das Obras</i>	62
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	69
ANEXOS	73
ANEXO A – Transcrição da entrevista de Vilma Martins Paco	74

1 INTRODUÇÃO

“Então isso pra nós, foi muito bom trabalhar nesta empresa, deu assistência pra nossa família em tudo, né? E a gente ganhou dinheiro aqui nesta empresa, como nunca tinha ganhado em parte nenhuma.”

Valêncio Ferreira Dias.

A epígrafe é do ex-trabalhador de Itaipu, Valêncio Ferreira Dias e um dos nossos entrevistados para esta pesquisa, no relato acima vemos uma memória completamente positiva e de orgulho de ter feito parte da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional. No decorrer do trabalho veremos o que está além desta visão positiva de seu Valêncio.

Em 26 de abril de 1973 foi assinado pelos então ditadores Emílio Garrastazu Médici (Brasil) e Alfredo Stroessner (Paraguai) o Tratado de Itaipu. No mesmo ano deu-se início às obras da construção da então maior usina hidrelétrica do mundo, a Itaipu. A usina foi construída no Rio Paraná, entre as cidades de Foz do Iguaçu (Brasil) e Hernandarias (Paraguai).

As motivações da escolha do tema de pesquisa têm um caráter pessoal, mesmo tendo nascido depois do fim da obra de Itaipu, tenho um olhar interno em relação à pesquisa, me diferenciando de outros trabalhos que abordam o mesmo tema com uma perspectiva externa.

As minhas ligações com a barragem são familiares, já que dentre os milhares de trabalhadores que vieram para Foz do Iguaçu tentar uma vaga em Itaipu está meu pai, meu tio paterno, meu avô materno, meus tios maternos, pais de meus amigos, dentre outros conhecidos do bairro da Vila “C”, onde cresci e moro até os dias atuais e sempre me deparei com a frase que deu início toda minha indagação e vontade de pesquisa ao tema: “a melhor época da minha vida foi quando trabalhei em Itaipu”, esta frase é repetida várias vezes pelos ex-trabalhadores e ex-trabalhadoras de Itaipu ao longo da minha vida, por que estes trabalhadores têm uma visão tão positiva de Itaipu?

Consideramos que essa frase positiva sobre Itaipu esteja

relacionada, mais amplamente, à forma como a usina se associou a uma imagem de “progresso” individual e coletivo. No plano individual, esse “progresso” teria manifestado, por exemplo, nos melhores salários que a barragem pagava em comparação com outras que estavam sendo construídas no mesmo período. No plano coletivo, esse “progresso” teria se manifestado no “desenvolvimento” de Foz do Iguaçu, que teria passado de uma “pequena” para uma “grande” cidade, como podemos observar na memória construída pelo Ecomuseu mantido por Itaipu na cidade.

Acreditamos que Itaipu se associou a uma imagem de “progresso” para tampar pontos polêmicos de sua obra, como os acidentes que ocorriam na época da construção da barragem, as greves (e o uso excessivo de força contra os trabalhadores), as extensas jornadas de trabalho, o medo constante da perda do emprego e a condição de vida no bairro onde foram alocados os trabalhadores que tinham famílias.

Este bairro levou o nome de Vila “C”, que foi construído como um bairro provisório e apresentava inúmeros problemas, como a falta da privacidade entre os moradores, a falta de arborização, a poeira constante que adentrava as casas, a falta do tratamento de esgoto, dentre outros pontos.

Mesmo que os ex-trabalhadores de Itaipu considerem o “progresso” que a barragem fez em suas vidas, existem brechas nessas memórias que indicam as experiências vividas por estes trabalhadores e aspectos da visão crítica que eles têm sobre o processo.

Haverá um recorte temporal e um recorte espacial nesta pesquisa. O recorte temporal terá ano inicial o de 1973 com a assinatura do Tratado de Itaipu e se estende até os dias atuais, já que as entrevistas orais que foram feitas com ex-trabalhadores de Itaipu trazem uma perspectiva recente da memória destas pessoas:

“É justamente por ocorrer no presente, trazer as marcas dele e transformá-lo, que a memória permite (re)escrever a História. O passado não muda, mas muda a nossa percepção e conhecimento

do passado.” 1

O recorte espacial será o bairro da Vila “C”, todos os entrevistados residem desde a época da construção do bairro e permaneceram morando na Vila “C”, tendo em vista que foi o bairro construído para abrigar uma parcela dos milhares de trabalhadores que ajudaram na construção de Itaipu.

O primeiro capítulo apresenta uma história do processo de construção da usina. Veremos como a construção impactou a configuração espacial e social da cidade, gerando e acentuando desigualdades entre os que estavam diretamente relacionados à usina e os que não estavam. Sobre o período posterior à construção, analisaremos como “espaços de memória” criados, financiados e mantidos por Itaipu alimentam a imagem do “progresso” que comentamos anteriormente.

Ainda no primeiro capítulo vamos abordar a historiografia acerca de Itaipu e analisar que o projeto da usina foi além de ser apenas uma barragem hidrelétrica binacional, ela encabeçava o “progresso” brasileiro e a dianteira do país na política e economia da América do Sul. Um projeto de propaganda da ditadura militar, a usina era fundamental para alavancar o “desenvolvimento” militar no Brasil.

O segundo capítulo será todo voltado às entrevistas orais feitas com alguns ex-trabalhadores de Itaipu. A história oral se faz importante neste trabalho porque traz diferentes versões da época da construção, já que ela propõe analisar a memória dos ex-trabalhadores de Itaipu que vivenciaram o dia a dia no canteiro de obras e também no bairro da Vila “C”. Por mais que a barragem apareça de forma positiva na memória destes ex-trabalhadores, eles nos mostram o que está além da memória que a usina quis construir.

Problemas esses como: os acidentes que ocorriam dentro do canteiro de obra da usina, a vivência dos trabalhadores e suas famílias no bairro da Vila “C”, assim como o controle exercido por Itaipu dentro do bairro e

¹ SILVA, P.R., **Memória, História e Cidadania**. P. 327 – 346. Cadernos do CEOM – Ano 23, n. – ETNICIDADES. Chapecó – SC, p. 330.

as greves dos trabalhadores, reivindicando melhorias de salários.

Usualmente as entrevistas orais entram em um trabalho para confrontar as fontes escritas, pretendemos ir além deste confronto e fazer uma análise de vários aspectos, como por exemplo, no dia-a-dia da obra e do bairro da Vila “C”, a chegada e instalação destes ex-trabalhadores na cidade de Foz do Iguaçu e a vida deles com o fim da construção da barragem. Esses pontos ainda não foram contemplados ou encontram um espaço bastante reduzido na produção historiográfica sobre o tema.

Os entrevistados foram divididos em duas duplas², totalizando quatro entrevistados. São duas mulheres, uma que trabalhou no hospital de Itaipu (Hospital Ministro Costa Cavalcanti), como auxiliar de cozinha e outra como zeladora e posteriormente na parte administrativa da barragem.

A historiografia de Itaipu se silencia em relação às mulheres que trabalharam na obra, ao entrevistar estas mulheres pretendemos diversificar as versões sobre o trabalho em Itaipu e sobre a contribuição da usina para o “progresso” da cidade e região.

Também foram feitas entrevistas com dois homens, um que também trabalhou na parte administrativa de Itaipu e outro que trabalhou diretamente no canteiro de obras da barragem.

Com esta configuração de entrevistados, o trabalho pretende se diferenciar de outras pesquisas que dão mais ênfase aos empregados que trabalharam diretamente no canteiro de obras da barragem.

² Para chegar às duas duplas de entrevistados escolhidas para esta pesquisa, o único critério utilizado foi de que o ex-trabalhador e ex-trabalhadora deveriam residir no bairro da Vila “C” desde a construção da barragem.

2 A CHEGADA DO “PROGRESSO” AO OESTE

No primeiro capítulo será analisado o projeto de Itaipu que vai além da geração de energia, a usina está ligada diretamente ao “progresso” e desenvolvimento do Brasil, além de ser uma construção que daria ao país o protagonismo na América do Sul.

Este capítulo também pretende mostrar a “grandeza” da obra, a construção de toda infraestrutura para manter os milhares de trabalhadores, dando ênfase à construção do bairro da Vila “C”.

Além disso, o primeiro capítulo também abrange análises dos impactos sociais que a cidade de Foz do Iguaçu sofreu, as práticas de controle que Itaipu tinha sobre seus funcionários e também alguns exemplos de que como a usina se apropriou dos pontos negativos que rodeavam a obra, como os acidentes e a devastação do meio ambiente.

Quando analisamos a Itaipu e a influência dela na memória dos seus ex-trabalhadores, é necessário pôr em evidência que o projeto vai além de ser apenas uma usina hidrelétrica, ela também foi um importante projeto político e econômico que tornaria o Brasil uma potência mundial emergente. A frase “antes e depois de Itaipu” não impactou apenas nas vidas dos milhares de trabalhadores, mas também no plano político brasileiro, que tinha um ideal de que o país teria um “progresso” nunca antes visto.

Para ajudar na análise que liga Itaipu com o “progresso”, fazemos uso da tese de doutorado da historiadora Ivone Teresinha Carletto de Lima, com o título *Itaipu, as faces de um mega projeto de desenvolvimento*, onde ela faz uma importante análise entre Itaipu e o “progresso”.

Paralelamente à execução das obras de Itaipu, o Brasil presenciava uma ditadura militar e o chamado milagre econômico, quando o país teve um crescimento econômico acelerado e Itaipu representava este crescimento, como uma obra “grande” e “cara”.

Mas no final dos anos 70 houve uma crise energética mundial e o Brasil sendo o terceiro maior importador de petróleo do mundo foi atingido,

assim o “quadro era de crise energética, explosão da dívida externa, estrangulamento do balanço de pagamentos, fortes e crescentes pressões inflacionárias”³. Com o governo abalado, Itaipu continuou sendo usada como propaganda, tentando refletir um país “próspero” e que não estava sendo prejudicado pela crise mundial.

Mesmo com a crise do governo a obra de Itaipu continuou, na época era a construção mais importante que o Brasil estava executando, assim o discurso de Itaipu e o “progresso” foi repetido várias vezes, não apenas no plano local e regional, mas também nacional, como uma forma de contraponto aos sinais da crise do modelo econômico da ditadura a partir de meados da década de 1970:

“Aqui estamos dando apenas uma tintura para instruir o quadro paisagístico no qual procuraremos situar os informes que permitirão uma melhor inteligência e visualização do panorama faraônico, tomado na grandeza construtiva do progresso e implantação de uma civilização, persistente na consecução de objetivos certos para o desenvolvimento do Brasil, para o bem comum do povo brasileiro. A hidrelétrica de Itaipu será, sem dúvida, um portal de progresso e boa vizinhança; ficará como uma afirmação da fé e do esforço do povo brasileiro, implantando pela capacidade inquestionável da nossa engenharia e potencialidade econômica.”⁴

Quem deferiu as palavras acima foi o General Omar Emir Chaves e é um discurso que retrata bem o “progresso” em Itaipu. A empresa encabeçava a entrada do país como uma nova potência econômica emergente, a usina difundiu uma enorme propaganda da “grandiosidade” da obra, construída com todo o esforço do povo brasileiro e seria um ícone no “progresso” do Brasil.

³ COUTO, Ronaldo Costa. **História indiscreta da ditadura e da abertura: Brasil: 1964-1985**. 3ª ed. Rio de Janeiro, RJ. Editora Record. 1999, p. 260.

⁴ CHAVES, Omar Emir. **Itaipu: Portal do Progresso e Boa Vizinhança**. Carta Mensal, Rio de Janeiro, ano 25, n. 296, nov. 1979. Trecho de conferência proferida em 16 de agosto de 1979. Apud: LIMA, Ivone Teresinha Carletto de – **Itaipu, as faces de um mega projeto de desenvolvimento**, Niterói – RJ. Editora Germânica. 2004, p 289.

A ideia de que a energia traria “progresso” ao Brasil esteve presente em vários discursos, como no discurso do diretor geral de Itaipu, Ney Aminthas de Barros Braga:

“Itaipu é mais do que cimento, ferro e aço. É mais do que geração de energia elétrica. É símbolo da compreensão entre duas nações. Tem valor pelo o que representa de material, mas, principalmente, pelo o que significa de solidariedade, vale pela solidariedade no desenvolvimento, mas muito mais pelo desenvolvimento da solidariedade. Não podemos retroceder nas conquistas do progresso, do bem-estar, e a geração de energia é indispensável para que uma nação possa assegurar o desenvolvimento.”⁵

Para Ney Braga, o desenvolvimento do Brasil só seria possível com a energia de Itaipu, já que com a usina em funcionamento o país passaria a ter uma maior industrialização, alavancando a economia.

Além do “progresso”, a Itaipu pretendia difundir o orgulho da nação na construção da barragem, ao analisarmos a memória dos ex-trabalhadores no segundo capítulo fica evidente o orgulho que estes trabalhadores têm em falar que ajudaram na construção da usina. Porém também fica claro que os trabalhadores não seguiram acriticamente toda esta construção que Itaipu fez acerca de sua própria história e é este discurso fora desta construção que pretendemos mostrar no segundo capítulo.

O projeto de Itaipu também era responsável em levar o Brasil ao protagonismo econômico e político da América do Sul, como é citado no livro do escritor Júlio José Chiavenato, *Stroessner, Retrato de uma Ditadura*:

“No entanto, Itaipu foi executada como uma obra geopolítica, visando especialmente prejudicar a capacidade da Argentina em aumentar seu potencial hidrelétrico. Por quê? Porque a Argentina praticamente não tem minérios. Porque a

⁵Discurso proferido por Ney Braga na ocasião do ato de posse quando assumia a direção da Itaipu Binacional, em Foz do Iguaçu, em 17 de maio de 1985. Apud: LIMA, Ivone Teresinha Carletto de, *ibidem*, p 293.

Argentina disputa com o Brasil a posse das reservas do ferro de Mutun, na Bolívia. Porque, com a Argentina prejudicada na produção de energia elétrica, está praticamente descartada a sua possibilidade de construir siderúrgicas que trabalhem o minério que poderia obter de Mutun. Porque isso acontecendo – e obviamente a Argentina ficando sem matéria-prima industrial – o Brasil desponta como a única grande potência industrial da América do Sul, com inegável predominância econômica (de onde decorre a superioridade militar e a força política) no Cone Sul. ”⁶

Como vemos na citação acima, Itaipu estava além de ser apenas uma geradora de energia elétrica para o Brasil e o Paraguai. Levando em consideração apenas o lado brasileiro, vemos que o governo da época quis “prejudicar” a Argentina na geração de energia, o que decorreria na falta de indústrias no país vizinho, descartando as chances da Argentina ser protagonista política e econômica da América Latina, facilitando que o Brasil ganhasse matérias-primas de outros países latinos, como no caso da reserva de ferro de Mutun na Bolívia.

O discurso do “progresso”, assim, se entrelaçava com o nacionalismo, representado pelas disputas regionais no Cone Sul. “Progresso” e nacionalismo são dois elementos bastante lembrados da propaganda da ditadura militar brasileira e ajudariam a explicar o apoio de setores expressivos da sociedade brasileira aos militares. Assim, as críticas à construção de Itaipu apreendidas nas memórias de ex-trabalhadores e ex-trabalhadoras nos ajudam a repensar a natureza desse apoio que teria sido dado aos militares e aos empreendimentos da ditadura.

No livro de Ivone Teresinha, encontramos a propaganda de Itaipu através dos números que a obra alcançara na época da construção:

“As proporções em Itaipu despertavam e alimentavam o ufanismo. Eram propagadas curiosidades tais como: que o ritmo das obras da

⁶ CHIAVENATO, Julio José – **Stroessner: Retrato de uma ditadura**, São Paulo - SP. Editora Brasiliense. 1980, p.142.

usina era equivalente à construção de um edifício de 20 andares a cada 55 minutos; com o volume total de concreto de Itaipu poderiam ser construídos 210 estádios como o Maracanã, no Rio de Janeiro; o ferro e aço utilizados seriam suficientes para edificar 380 vezes a torre Eiffel, de Paris; que o volume de terra e rocha removidas em Itaipu equivaleria a mais de duas vezes o volume do Pão-de-Açúcar, que o vertedouro de Itaipu suportaria a vazão máxima de 40 vezes superior das Cataratas do Iguaçu.”⁷

A citação valoriza o domínio do homem sobre a natureza ao tentar comparar os números da construção da barragem com as Cataratas do Iguaçu ou então com o Pão-de-Açúcar, o “progresso” estava chegando com o maquinário e os trabalhadores que alcançaram aos números da citação acima.

Estes números foram divulgados pela própria empresa, mostrando a “grandiosidade” da obra, assim como o poderio econômico em executá-la, mostrando o “progresso” que o Brasil estaria passando.

As comparações que são feitas com a natureza, como “o volume de terra e rocha removidas em Itaipu equivaleria a mais de duas vezes o volume do Pão-de-Açúcar”, serve para demonstrar que o homem consegue domar e ser superior à natureza. Em uma perspectiva de longa duração, se trata do típico discurso da modernidade ocidental que, de um modo geral, vê no domínio da natureza pelo homem a chave do “progresso” e/ou da passagem do “antigo” para o “novo”.

Porém, este progresso teve um preço a ser pago e quem pagou este preço foram os milhares de trabalhadores que em busca de uma vida melhor e melhores salários, enfrentavam longas jornadas de trabalho, em um sol escaldante de Foz do Iguaçu ou embaixo de chuva, já que para alcançar os números citados acima a obra não poderia parar.

Com o ritmo de construção ininterrupto, a demanda de maquinário e mão de obra humana era enorme. As obras não foram executadas diretamente pela Itaipu, para isso foram contratados dois consórcios de construção Civil: a Unicon e a Conempa e outros dois consórcios

⁷ LIMA, Ivone Teresinha Carletto de, op. cit., p 229.

de montagem eletromecânica: a Itamon e a CIE:

Construção Civil	
UNICON (Brasil) – Cetenco Engenharia Ltda., CBPO – Cia brasileira de Pavimentação e Obras, Camargo Correa, Andrade Gutierrez e Mendes Junior.	CONEMPA (Paraguai) – Barrail Hermanos, Cia. General de Construcciones, ECCA. S.A., Ing. Civil Hermanos Baumam, ECOMIPA – Emp. Const. Min. Paraguaya e Jimenez Gaona & Lima.
Montagem Eletromecânica	
ITAMON (Brasil) – A. Araujo – Engenharia e Montagem, Empresa Brasileira de Engenharia – EBE, Montreal Engenharia, SADE – Sul Americana de Engenharia, SERTEP – Engenharia e Montagem, TECHINT. Cia Técnica Internacional, TENENGE – Tec. Nacional de Engenharia e ULTRATEC Engenharia.	CIE (Paraguai) – Consorcio de Ingenieria Eletromecanica.

Fonte: ASPECTOS técnicos do empreendimento Itaipu, p. 39. In: LIMA, Ivone Teresinha Carletto de – **Itaipu As faces de um mega projeto de desenvolvimento**. Niterói – RJ. Editora Germânica. 2004, p. 216.

O “progresso” de Itaipu também surtiu efeito na cidade de Foz do Iguaçu, já que para a construção de Itaipu foi necessário a mão de obra de milhares de trabalhadores que chegavam à cidade todos os dias e de todo o canto do Brasil, como vemos nesta tabela o número de contratados para obra no período de 1976 até 1981:

Quadro de Trabalhadores de Itaipu					
ANO	UNICON	CONEMPA	ITAMON	OUTROS	TOTAL
1976	5.949	1.402		4.654	12.005

1977	12.975	4.499		3.386	20.860
1978	19.000	7.266		3.161	29.427
1979	17.147	5.792		1.651	24.590
1980	17.112	4.551		1.063	22.726
1981	20.496	3.399	1.324	689	25.908

Fonte: Relatório Anual Itaipu Binacional, 1981. In MANARIN, Odirlei – **Peões da Barragem. Memórias e relações de trabalho dos operários da construção da hidrelétrica de Itaipu-1975 a 1991**. Marechal Cândido Rondon - PR, Biblioteca da UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), 2008, p. 29.

Com a chegada de milhares de pessoas, a hidrelétrica montou uma enorme estrutura para receber estes trabalhadores e suas famílias, neste ponto do texto vamos citar o livro do jornalista Nilson Monteiro⁸, *Itaipu, a Luz*. O livro foi publicado em 1999 a pedido de Itaipu como comemoração dos 25 anos da usina e ele será uma fonte importante para analisarmos como a barragem construiu o discurso segundo o qual a empresa seria promotora privilegiada do “progresso” de Foz do Iguaçu e região.

Parte da estrutura que Itaipu montou para receber seus trabalhadores estavam as moradias, de 1975 a 1978 foram construídas 9060 residências para abrigar os trabalhadores, destas 9060 casas, 4935 foram construídas no lado brasileiro e 4125 moradias no lado paraguaio. Estas moradias foram destinadas para os trabalhadores que vieram com suas famílias.

Para os trabalhadores solteiros foi construído um alojamento que ficava ao lado do canteiro de obras. Hoje este alojamento é o PTI – Parque Tecnológico de Itaipu, que abriga várias empresas de *Softwares*, além de parte dos campus da UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), da UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana) e da UAB (Universidade Aberta do Brasil), também é no PTI que está localizado o Espaço do Barrageiro, que estará em nossa análise em breve.

⁸ Nilson Monteiro nasceu em São Paulo no ano de 1951, é jornalista e construiu toda sua vida acadêmica e jornalística no Paraná, onde faz parte da Academia de Letras de Londrina.

Vamos nos ater apenas ao lado brasileiro. As 4935 moradias foram divididas em três bairros, a Vila “A”, Vila “B” e a Vila “C”.

Na Vila “A” também ficaram os funcionários dos consórcios Unicon e Itamon, das áreas administrativas, assim como cargos de chefia e outros trabalhadores de outros setores da empresa. A Vila “A” contava com o Hospital Ministro Costa Cavalcanti:

“Na época, havia um certo preconceito em Foz do Iguaçu contra o atendimento médico local (se dizia que o melhor atendimento era o voo da Varig para Curitiba e São Paulo) e a Itaipu se empenhou em construir um hospital com toda infraestrutura adequada, de equipamentos e de profissionais, para os que trabalhavam na construção da hidrelétrica e seus familiares. Pelo consócio de empreiteiras Unicon, o superintendente, Francisco Fortes Filho, acompanhava pessoalmente o trabalho, a ser concluído no final do primeiro semestre de 1979. “Por uma das coincidências do destino, dias antes da solenidade oficial de abertura (a inauguração aconteceu em 1º de julho de 1979), coube ao próprio Fortes Filho “inaugurar” o hospital. O superintendente da Unicon estava no aeroporto de Foz do Iguaçu, pronto para embarcar para São Paulo, quando começou a vomitar sangue e desmaiou, como resultado de uma violenta úlcera hemorrágica. Logo que recobrou os seus sentidos, minutos depois, e percebeu que estava sendo providenciado o seu embarque para São Paulo, Fortes protestou: “De jeito nenhum, não vou para São Paulo. Me levem para o hospital da Itaipu”, exigiu. Mais de quinze anos depois, tranquilo em sua fazenda em Resende, no interior do Rio de Janeiro, Fortes Filho justificou sua atitude com simplicidade: “Se eu tivesse ido para São Paulo naquele momento, estaria desmoralizando o hospital pelo qual tanto tinha me empenhado. E mais: desmoralizaria os bons profissionais que trabalhavam no nosso setor de saúde.”⁹

O autor nos diz que foi graças à Itaipu que Foz do Iguaçu ganhou um hospital de infraestrutura igual às capitais, mas, ao mesmo tempo, ele deixa claro que era um hospital feito apenas para atender os trabalhadores

⁹ MONTEIRO, Nilson – **Itaipu, a Luz**. Curitiba – PR. Itaipu Binacional / Assessoria de Comunicação Social. 1999, p. 67.

de Itaipu e seus familiares, então de imediato os moradores de Foz do Iguaçu não receberam um hospital de ponta e sim apenas quem tinha algum vínculo com a usina.

O “progresso” que Itaipu trouxe para a cidade de Foz do Iguaçu não foi visto de imediato pela população iguaçuense, já que a grande maioria das obras feitas pela barragem estavam localizadas no lado norte da cidade, local onde estava toda a estrutura das vilas, escritórios e a barragem de Itaipu. Porém, a memória construída por Itaipu sugere esse “progresso” como algo intrínseco e contínuo, não evidenciando as suas etapas, gradações e limitações no que se refere aos “beneficiados”.

Somente com a criação da Fundação de Saúde Itaipu, que administra o hospital até hoje, que o mesmo foi aberto para toda a comunidade iguaçuense e em 1996 iniciou o atendimento ao Sistema Único de Saúde, o SUS, que segundo o próprio hospital hoje em dia é responsável por 60% dos atendimentos do hospital.¹⁰

Além do hospital, a Vila “A” contava com casas e terrenos individuais para cada família, o colégio Anglo Americano, um clube de lazer: Floresta Clube, um mercado da rede paulista Cobal, assim como segurança feita pela própria Itaipu e os seus moradores pagavam apenas uma taxa de manutenção, ficando isentos do pagamento de aluguel, água e luz.

A Vila “B” se assemelha a um condomínio, de porte menor, apenas com moradias, nesta vila residiam (e ainda residem) os engenheiros e funcionários do alto escalão de Itaipu.

Além das vilas “A” e “B”, Itaipu também construiu a Vila “C”, é nesta vila que residiam os trabalhadores e trabalhadoras que vieram à cidade com as suas famílias e que não se encaixavam no perfil de moradores das vilas anteriormente citadas, eram barrageiros (trabalhadores que giravam o Brasil atrás de construção de barragens), agentes de segurança, copeiros, cozinheiros, auxiliares de enfermagem, dentre outros cargos.

Em todas as vilas não era cobrado aluguel, água e luz, apenas

¹⁰ Institucional do Hospital Ministro Costa Cavalcanti. Disponível em: <http://www.hmcc.com.br/institucional.php>. Acessado em: 15 de março de 2016.

uma taxa de manutenção, que segundo os entrevistados era um valor bem baixo. Alguns desses pontos também estão presentes nas memórias “positivas” que aparecem sobre Itaipu.

As entrevistas que serão analisadas no capítulo dois foram feitas com estes ex-trabalhadores e ex-trabalhadoras que residem no bairro da Vila “C” até os dias atuais, já que o bairro tem uma identidade marcante com estes homens e mulheres que construíram Itaipu. Vamos nos aprofundar mais na Vila “C” no segundo capítulo.

As vilas de Itaipu se diferenciaram tanto do restante da cidade de Foz do Iguaçu que pareciam uma cidade dentro de outra cidade.

“Em 1974, Foz do Iguaçu, no Oeste do Paraná, era uma cidade quente e poeirenta, com apenas duas ruas asfaltadas e cerca de 20 mil pessoas assustadas com o movimento humano que começava a perturbar seu ritmo pacato de viver. O impacto pode ser mensurado pelo crescimento vertiginoso da população urbana do município: em 1970, Foz do Iguaçu tinha 20.147 habitantes; dez anos depois, a população havia quintuplicado: 101.447 pessoas. As notícias da construção da hidrelétrica e o desembarque em massa dos primeiros contratados (o trabalhador Heleodoro José Felix não se cansava de exhibir o crachá número 1 entre os contratados pela entidade em Foz do Iguaçu) para trabalhar na linha de frente do projeto, ao mesmo tempo que encantavam, deixavam a cidade em polvorosa.”¹¹

O livro caracteriza a cidade de Foz do Iguaçu como “pequena”. A citação nos mostra que ao falar de uma cidade “quente” e “poeirenta”, o autor parece ligá-la à natureza e suas forças, e o “progresso” não estava presente nesta cidade. Além disso, o trecho acima passa uma ideia que a cidade de Foz do Iguaçu era um local parado – “ritmo pacato de viver” – e somente com a construção da usina a mesma começou a rumar para o “progresso”. Com a chegada da usina e seus funcionários, a cidade ficou dividida em duas:

¹¹MONTEIRO, Nilson – op. cit., p. 58.



Figura 1: Mapa ATUAL da cidade de Foz do Iguaçu, demarcando as Vilas “A”, “B” e “C”, a barragem de Itaipu e o local onde se encontrava a maior parte dos moradores da cidade de Foz do Iguaçu antes da construção de Itaipu que tinha como bairros principais o centro, a região do São Francisco (atual Morumbi) e o Porto Meira mais ao sul da cidade. Fonte: mapa pessoa e Google Earth.

Como vemos no mapa, as vilas de Itaipu foram construídas longe do centro da cidade e tinham padrões de vida que destoavam com o restante da cidade, como gratuidade de aluguel, água e luz, segurança 24 horas por dia, colégio e hospital de ponta. Estas diferenciações fizeram com que a cidade de Foz do Iguaçu ficasse dividida em duas.

A chegada de Itaipu preocupou as elites locais de Foz do Iguaçu:

“Essas memórias locais publicadas a partir da década de 1970, foram produzidas num contexto de rápida transformação urbana da cidade de Foz do Iguaçu, num processo desencadeado pela construção da hidrelétrica de Itaipu. A construção da hidrelétrica de Itaipu constituiu-se num projeto do governo federal desenvolvido na cidade de Foz do Iguaçu e adjacências e implicou desde seu início na alteração da

estrutura urbana e na dinâmica social e econômica característica da cidade. O processo de mudança desencadeado pela construção da hidrelétrica parece ter repercutido também na própria dinâmica das relações entre os grupos tradicionalmente dominantes da cidade. As elites locais perceberam esse processo de transformação como progresso, como a realização de um destino, no entanto estas transformações não estavam inteiramente sob seu controle e, deste ponto de vista poderia representar uma ameaça ao seu poder local. ¹²

A partir de 1970 na cidade de Foz do Iguaçu começou a publicação de vários exemplares de jornais e revistas que remetiam à memória de Foz do Iguaçu aos seus pioneiros, Jorge Schimmelpfeng, Pedro Basso, Felipe Wandscheer, dentre outros. A relação destes pioneiros com a cidade de Foz do Iguaçu segundo estes periódicos é que eles sempre buscaram a vocação turística para a cidade de Foz do Iguaçu e ao mesmo tempo queriam fortalecer a elite da cidade, que se via ameaçada com a chegada dos engenheiros e outros funcionários que tinham um cargo alto dentro de Itaipu e que estavam diretamente ligados ao governo federal.

Segundo Nilson Monteiro, em um primeiro momento a reação dos iguaçuenses foi de receio, já que a chegada de milhares de trabalhadores afetaria a rotina da “pacata” cidade do extremo oeste paranaense, o autor coloca que com o tempo o receio foi sendo quebrado pela “integração” e o “progresso”, por causa dos investimentos que o governo federal fez em infraestrutura, telecomunicações e melhorias na área do turismo, assim como o setor privado de hotéis aumentou a sua rede na cidade.

“O choque cultural, natural para quem não tinha proximidade com uma obra daquela envergadura, manifestações de hostilidade, dificuldade de uma ou outra natureza, foram, aos poucos, sendo absorvidos pela integração.” ¹³

¹²SOUZA, Aparecida Darc. **As elites e a construção da memória de Foz do Iguaçu.** In: III Seminário Internacional de História, 2007. UEM – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR.2007. P. 1.

¹³ MONTEIRO, Nilson – op. cit., p. 60.

Nesta citação fica clara a intenção de Itaipu vender uma “imagem forjada” para quem era de fora da cidade de Foz do Iguaçu, ou seja, mostrar que mesmo com milhares de pessoas chegando à cidade, a barragem soube através da “integração” lidar com o inchaço populacional e os problemas acarretados com a sua chegada.

Como já foi dito, o livro de Nilson Monteiro foi encomendado pela própria Itaipu. Assim, nesse discurso que relaciona Itaipu ao “progresso” existe um claro primado do econômico em detrimento de outras esferas e subjetividades que marcam o social e as experiências dos sujeitos e grupos.

Na citação acima, encontramos um problema na palavra “integração”, o livro não deixa claro qual seria esta integração, como ter integração em uma cidade que se dividiu em duas? Todas as vilas de Itaipu eram controladas pela segurança da empresa e somente tinham acesso às vilas os seus moradores e pessoas autorizadas, assim como o serviço de saúde, educação e lazer eram exclusivos aos trabalhadores de Itaipu e seus familiares.

Talvez esta integração residisse no âmbito econômico, já que os trabalhadores lotavam o centro da cidade em dia de pagamento para realizarem compras dos mais diversos produtos, aquecendo a economia iguaçuense.

A Itaipu está estritamente ligada ao crescimento da cidade de Foz do Iguaçu, mas que ao mesmo tempo foi desordenado por causa da chegada de muitas pessoas em busca de trabalho, junto com esta leva, estavam muitas pessoas que não conseguiram ser admitidas pela binacional e tantos outros foram enganados entregando suas economias para os “gatos” em troca de uma vaga em Itaipu.

“... estavam sujeitos [trabalhadores que chegavam na cidade em busca de emprego em Itaipu] a serem enganados pelos chamados “gatos”, o que acontecia com um grande número deles, menos experientes [...] Estes viviam circulando pelas obras oferecendo empregos nas barragens em troca de um adiantamento em dinheiro

por parte dos trabalhadores que pretendiam ingressar em uma nova obra”¹⁴

Quando estas pessoas chegavam a Foz do Iguaçu, estes “gatos” sumiam com suas economias, deixando estas pessoas sem o emprego e sem dinheiro, como estas pessoas não conseguiam voltar a sua cidade natal, partiam para as favelas que tiveram um grande crescimento com a chegada de Itaipu¹⁵.

Novamente o “progresso” que Itaipu trouxe para Foz do Iguaçu se restringiu apenas aos que tinham algum trabalho na barragem ou que tinham comércios voltados para essa população.

As pessoas que já viviam em Foz do Iguaçu não poderiam usufruir deste “progresso” e foram poucos moradores que conseguiram uma vaga em Itaipu, já que a grande maioria que trabalhou na barragem era de outras regiões do Brasil. Além disso, os residentes da cidade ao mesmo tempo em que enxergavam os trabalhadores da hidrelétrica como “forasteiros”, já que a maioria veio de outros estados, também os viam como beneficiados por terem moradias e padrões de vida melhores, o que teria acirrado tensões na cidade.

Itaipu trouxe consigo vários problemas, além das complicações apresentadas acima com a cidade de Foz do Iguaçu, a obra passou por vários questionamentos como as longas jornadas de serviço, o medo que o trabalhador tinha em perder o seu emprego e os inúmeros prejuízos ambientais que cercavam a obra, porém ela contornou estas polêmicas se apropriando destes temas.

Para mostrar estas apropriações vamos usar como exemplos o Espaço do Barrageiro, o Homem de Aço e o Painel do Barrageiro, todos construídos a mando de Itaipu e servem de instrumentos de apropriação de memória. Estes espaços serão analisados com uma visão mais social do que

¹⁴ CATTA, Luiz Eduardo – **A Face da Desordem – Pobreza e estratégias de sobrevivência em uma cidade de fronteira (Foz do Iguaçu / 1964-1992)**. São Paulo – SP. Blucher Acadêmico. 2009, p.207.

¹⁵ Idem

artística, explicando quais aspectos que Itaipu tenta forjar.

É importante ressaltarmos que a escolha destes três monumentos se deu por conta de que todos têm uma forte ligação com o ex-trabalhador de Itaipu, mais especificamente o empregado que executou serviços diretamente no canteiro de obras.

Por este motivo que não vamos analisar o Ecomuseu, um museu construído pela própria Itaipu para contar a sua história. Claro que existe uma ala reservada aos ex-trabalhadores da barragem no Ecomuseu, mas é apenas um elemento dentre vários dentro do espaço, que vai desde a era dos primeiros seres humanos que habitaram a região oeste paranaense até a construção da usina. É um local com vários pontos a serem analisados, porém a escolha deste trabalho restringe-se a analisar apenas os três monumentos citados no parágrafo acima por se concentrarem nos trabalhadores da hidrelétrica.

Jacques Le Goff, em seu livro *História e Memória*, traz uma interessante abordagem sobre esses “monumentos”. Para Le Goff, se a imagem de algo (no caso a Itaipu) já estivesse concretizada na memória das pessoas, não seria necessária a construção de monumentos. Assim, esses monumentos visam interferir no presente em que foram construídos e se projetam para o futuro, tendo em vista romper com a memória de tensões que marcaram a relação da usina com a cidade, sobretudo durante o período de sua construção. Por isso o autor defende que todo monumento também é documento, no sentido de darem aos historiadores evidências sobre essas tensões que os monumentos visam silenciar ou conciliar.

No caso da barragem, estes espaços foram criados para transmitir que a história da hidrelétrica é positiva, por isso que os monumentos que vamos analisar se opõe a pontos polêmicos que marcaram a construção de Itaipu, apresentando um discurso diferente sobre estes pontos ou simplesmente silenciando sobre eles:

“... porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por

desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documento-monumentos.”¹⁶

A análise a seguir pretende desmontar a história que Itaipu construiu através destes monumentos. Porém antes de analisarmos as obras em si, devemos observar um nome em comum que os monumentos carregam consigo: a palavra “barrageiro”. No livro *A face da desordem, pobreza e estratégias de sobrevivência em uma cidade de fronteira (Foz do Iguaçu / 1964-1992)*, o autor Luiz Eduardo Catta traz uma abordagem sobre o tema, onde *“apesar de genericamente chamados de barrageiros, é fundamental, primeiramente, que apontemos para a heterogeneidade profissional existente entre os componentes daquela categoria”¹⁷.*

A empresa passa uma imagem onde todos os ex-trabalhadores de Itaipu eram “barrageiros”, porém “barrageiro” passa uma ideia do empregado, sobretudo homem, que viaja o Brasil para trabalhar em construções de barragens, ficando no máximo dois ou três anos em uma obra e partindo para outra. Como Itaipu foi uma construção mais demorada e que precisava de muito mais mão-de-obra, ela atraiu além dos barrageiros de ofício, muitos outros brasileiros e brasileiras de todos os cantos do Brasil, que não tinham nenhuma experiência com barragens e mesmo trabalhando apenas na construção de Itaipu foram englobados como barrageiros.

O Painel do Barrageiro, de autoria dos artistas brasileiros Poty Lazzarotto e Adoaldo Lenzi, foi inaugurado em 1998 e está em exposição no mirante central de visitação à Itaipu, um lugar estratégico, já que fica em evidência para os milhares de turistas do mundo inteiro que visitam a usina.

¹⁶ LE GOFF, Jacques – **História e Memória**, 5ª edição. Campinas – SP. Unicamp. 2003, p.538.

¹⁷ CATTÀ, Luiz Eduardo - op. cit, p.207.



Figura 2 Painel do Barrageiro. Disponível em: <http://100fronteiras.com/materia/painel-do-barrageiro-vira-patrimonio-cultural-do-parana>. Acessado em: 15 de setembro de 2015.

Ao lado da obra, temos a seguinte descrição da mesma:

“Os contornos desta obra artística, forjada em concreto e ilustrada em azulejos, representam a sensibilidade e o reconhecimento pelas atividades de anônimos trabalhadores que ajudaram a domar as revoltas águas do Rio Paraná nas décadas de 70 e 80.”

Analisando o painel juntamente com o discurso de Itaipu na placa explicativa que fica ao lado do painel, vemos que o barrageiro e a natureza tem papéis de destaques na obra de Poty.

Monteiro cita que a obra trouxe mais benefícios do que prejuízos à região que foi alagada pelo reservatório de Itaipu:

“Possivelmente algum dia, longínquo futuro, ainda imprevisível, o aproveitamento hidrelétrico de Itaipu seja superado por outras realidades técnicas que atualmente não têm cabimento nem em nossa fantasia. Então, as gerações dessa época decidirão se é preferível seguir recebendo os benefícios do grande lago de Itapu ou se vão enterrá-lo e fazer ressurgir das águas o Grande Salto de Guaira, o Canindeyú gigante que cantou o poeta, e devolver à natureza aquilo que era dela. Se isto ocorrer, está cumprido o arco natural das

atividades humanas: nascer, crescer e morrer. Porém, tudo o que Itaipu já deu ao Paraguai e ao Brasil não poderá ser esquecido e esta grande obra permanecerá para sempre na recordação daqueles que tenham visto”, lembrou, com emoção, o engenheiro Enzo Debenardi, um dos principais personagens paraguaios da construção de Itaipu, comentando a submersão das Sete Quedas. ”¹⁸

No painel a memória das famílias que moravam onde hoje é o reservatório de Itaipu não estão retratadas, assim como os milhares de animais e mata nativa que se perderam para a construção da barragem, como o desaparecimento das Sete Quedas em Guaíra.

Através do discurso de Monteiro, Itaipu justifica que estas perdas foram necessárias para a chegada do “progresso” que a empresa teria trazido para a região, ou seja, o “progresso” foi mais importante do que as perdas que a região sofreu.

Como vimos, o painel foi uma forma que Itaipu encontrou para homenagear os milhares de trabalhadores que passaram pelo canteiro de obra da barragem, porém a imagem que o painel passa é de “homens desbravadores”, em todo o painel está escrito: “óí a onça”, que foi uma expressão muito usada pelos primeiros colonizadores da região oeste do Paraná, como forma de advertência caso avistassem uma onça¹⁹. Então, os trabalhadores que chegavam a Foz do Iguaçu, seriam os novos colonizadores, responsáveis por trazerem o “progresso” para a região.

¹⁸ MONTEIRO, Nilson – op. cit., p.106.

¹⁹ RIBEIRO, Maria de Fátima Bento – **Memórias do Concreto, vozes da construção de Itaipu**. Cascavel – PR. Edunioeste, 2003, p. 52.



Figura 3 Fotos detalhando o Painel do Barrageiro. Todos os círculos vermelhos vêm com a escrita "ói a onça". Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

O segundo elemento que vamos analisar é o Homem de Aço, que foi construído a mando de um engenheiro de Itaipu e feito pelo ex-trabalhador Leomar Alves da Silva.

O Homem de Aço é uma escultura de duas toneladas, feita com sucata do maquinário usado na construção de Itaipu que não tinha mais nenhuma utilidade e está em exposição junto com o Painel do Barrageiro, no mirante central de visitação da usina de Itaipu.



Figura 4 Homem de Aço. Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

“Hoje, a escultura se consolidou como uma homenagem simbólica aos mais de 40 mil trabalhadores que ajudaram a construir a binacional, os verdadeiros homens de aço.”²⁰

O Homem de Aço é uma alusão aos milhares de trabalhadores que construíram a Itaipu e serve também para maquiar as longas e exaustivas

²⁰ **Ex-barrageiro que ajudou a construir o Homem de Aço revê a sua obra.** Disponível em: <http://jie.itaipu.gov.br/conte%C3%BAdo/ex-barrageiro-que-ajudou-construir-o-homem-de-a%C3%A7o-rev%C3%AA-sua-obra>. Acesso em: 15 de setembro de 2015.

horas de trabalho, o Homem de Aço foi apropriado também como uma visão positiva, e representaria os homens “incansáveis” que ajudavam a manter o ritmo acelerado de construção da barragem.

Este ideal do homem incansável é uma construção para colocar no esquecimento as extensas jornadas de trabalho, os trabalhadores chegaram a ter em sua jornada mais de 14 horas de trabalho e também tinha o chamado “dobra”, que era quando aconteciam as trocas de horários do noturno para o diurno, onde o trabalhador fazia 24 horas de serviço.

No livro de Júlio José Chiavenato, existe uma transcrição de um documento da Comissão Pastoral da Terra (CPT), que é ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o documento se chama O Mausoléu do Faraó – a usina de Itaipu contra os lavradores do Paraná.

A transcrição traz denúncias dos maus tratos que os trabalhadores de Itaipu recebiam na época da construção da barragem, como neste trecho sobre o depoimento de um médico deu ao falar como era os atendimentos:

*“- A maior parte dos casos de atendimento médico são em consequência do cansaço dos trabalhadores: o período “normal” de trabalho é de 12 horas, porque todo mundo faz hora extra...”*²¹

O documento além de trazer denúncias como a citação acima, é lembrada pelo autor como o mais importante e talvez o único documento sobre o dia-a-dia dos trabalhadores fora da “versão oficial” de Itaipu. Vale lembrar que o livro foi publicado em 1980 e o documento da CPT em 1978, ou seja, em todo o período da construção da barragem, pouco se sabia sobre as condições de trabalho dos empregados da usina e o pouco que se sabia era divulgado pela

²¹ CHIAVENATO, Julio José – op. cit., p. 166.

própria empresa.

A escultura que foi escolhida para homenagear os ex-trabalhadores de Itaipu não é do primeiro contratado, de algum ex-trabalhador que se destacou, ou algo parecido, mas é uma máquina, que além de simbolizar o homem “incansável”, ela também mostra que este mesmo homem incansável não tinha nenhuma distinção com as máquinas de verdade dentro do canteiro de obras, ou seja, se a “máquina humana” desse algum problema ela era facilmente substituída por outra, alimentando o medo constante que os ex-trabalhadores tinham em perder o seu emprego, moradia e benefícios. No monumento, parece haver uma desumanização do barrageiro, como se o trabalho e a dedicação constante à obra fossem os elementos exclusivos e definidores de sua identidade.

O último elemento a ser analisado é o Espaço do Barrageiro, que se encontra dentro do complexo do PTI (Parque Tecnológico de Itaipu). O local consiste em várias salas temáticas sobre o cotidiano dos ex-trabalhadores. Dentre estas salas temos uma de réplica dos quartos mobiliados do alojamento na época da construção da barragem, outra com vários recortes de notícias da construção da barragem, uma sala onde se encontram os desenhos na parede do ex-trabalhador Rusmildo Pedrozo Alvarez e outra com alguns poemas, músicas e gírias que têm ligação com os trabalhadores de Itaipu.

Dentre todos os elementos do Espaço do Barrageiro vamos analisar uma paródia da música do cantor Almir Rogério, Fuscão Preto:

“Facção Preto

Paródia da Música Fuscão Preto, cantada pelos barrageiros.

1980 – autoria desconhecida.

*Me disseram que ele vai cortar só oito,
mas tá danado porque tem dez no meu setor
e pra ficar entre os dois que vai sobrar,
tem que ter sorte ou ser peixe do doutor.*

*Meu Deus do céu diga que isso é mentira
 se for verdade não sei como vai ficar
 pois o trecho anda muito esquisito
 e eu tenho quatro bocas a sustentar
 Facção Preto, você é feito de aço
 meu cartão se fez em pedaço,
 seu negócio é dispensar!
 Facção preto, com o seu corte maldito
 o meu crachá tão bonito, tu fizeste despencar.
 E eu que sempre procurei fazer o nome,
 levando o chefe em casa pra almoçar
 jogar buraco, tomar cuba e bater papo,
 tentando dele sempre se aproximar.
 Veja meu chefe como você foi ingrato
 encabeçando a lista foi o meu cartão
 em outra obra faço tudo diferente
 pra ver se escapo deste maldito facção.”.*

A paródia nos mostra o Facção preto, que simboliza a demissão do empregado, quando um empregado era demitido o seu crachá era cortado ao meio pelo seu chefe. A música mostra o medo do trabalhador em perder o seu emprego e não ter o sustento garantido para a sua família.

Com o fim próximo da construção da barragem, os cortes em setores eram frequentes e a única forma de um empregado continuar trabalhando seria ter sorte ou ser peixe (amigo) do doutor (chefe), como sugere a música.

Existia também uma grande preocupação com o futuro emprego em outra barragem, na paródia a palavra “trecho” quer dizer ofertas de empregos em outras barragens. Nesta parte da música vemos que o trabalho em barragens estava diminuindo, o que fez muitos ex-trabalhadores ficarem no

bairro da Vila “C” e tentar outro emprego que não seja no ramo de barragens. A paródia termina com uma esperança de conseguir um emprego em outra barragem e tentar fazer tudo diferente para não ser demitido.

A pergunta que vem é a seguinte, como que uma paródia que afronta Itaipu está presente em um espaço construído pela própria? A empresa se apoderou deste discurso não para remeter ao medo constante da perda do emprego e sim para mostrar a criatividade do barrageiro, com a construção de uma paródia.

Esta é uma explicação que recebi ao visitar o local repassado através de um guia (que foi empregado de Itaipu na época da construção), mas podemos notar que não era possível controlar tudo e todos dentro do canteiro de obras da barragem, já que uma paródia transmite uma “liberdade” entre a relação do empregado com o empregador. Para os que visitam o local, a presença da paródia, em um espaço organizado pela própria Itaipu, parece “amenizar” as relações de trabalho que ali existiram.

A hidrelétrica soube muito bem se apropriar dos temas polêmicos que cercaram a sua construção, temos como exemplo o jornal *Nosso Tempo*, que circulou na época da construção de Itaipu e era um crítico assíduo à empresa, denunciando principalmente as condições de trabalho dos milhares de empregados de Itaipu, atualmente grande parte do jornal se encontra digitalizado e Itaipu é uma das patrocinadoras do site e um dos editores do jornal, Juvêncio Mazzarolo, teve um cargo no programa de sustentabilidade da barragem, “*Cultivando Água Boa*”.

Vemos que com a memória sobre os seus empregados não foi diferente, já que Itaipu constrói a memória sobre estes trabalhadores em prol do esquecimento dos assuntos polêmicos, como a destruição da fauna e flora da região (Painel do Barrageiro), as exaustivas jornadas de trabalho (Homem de Aço) e o medo constante da perda do emprego (Espaço do Barrageiro).

3 OS “FORASTEIROS”

O presente capítulo será voltado para analisar a memória dos ex-trabalhadores e ex-trabalhadoras de Itaipu, identificando em suas entrevistas o “progresso” que a usina teria feito em suas vidas, assim como a falta deste “progresso”, as dificuldades do trabalho, as condições do bairro da Vila “C” e vida destas pessoas com o fim da construção da hidrelétrica. Vale lembrar que será uma análise estritamente da memória destes ex-funcionários de Itaipu.

O uso de história oral se faz importante para mostrar uma visão diferente sobre a história que Itaipu construiu sobre si e sobre seus empregados. Neste trabalho a referência metodológica principal que vamos usar é o livro de Paul Thompson, *A voz do passado: história oral*. Thompson faz um estudo profundo sobre a história oral e como a mesma contribuiu para a história, além disso, ele nos mostra como o historiador deve usar a história oral.

As táticas de entrevistas presentes neste trabalho foram retiradas de Thompson, em específico o capítulo sete, nomeado *A entrevista*. Ao entrar em contato com os entrevistados, foi proposto que as entrevistas fossem feitas em suas residências, por ser um local onde o entrevistado se sentiu mais confortável em nos contar sobre sua vida.

A primeira pergunta feita foi bem geral²² e a partir da resposta do entrevistado as perguntas são moldadas e as questões mais delicadas sobre acidentes e greves, por exemplo, são feitas apenas quando sentimos que o entrevistado está confortável o suficiente para respondê-las.

“A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança, isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na

²² A primeira pergunta feita a todos os entrevistados foi “O senhor (a) poderia iniciar contando como foi sua chegada a Foz do Iguaçu”, a partir da resposta do entrevistado, outras perguntas foram inseridas.

produção da história – seja em livros, museus, rádios ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. ²³

Como está escrito na citação acima, este capítulo pretende dar uma voz maior aos ex-trabalhadores, queremos mostrar que acima do discurso “progressista” de Itaipu que está presente na memória destes ex-funcionários, existe em conjunto uma memória com críticas e lacunas que não estão presentes no discurso da usina.

O capítulo será dividido em três partes, o trabalho em Itaipu, a vivência no bairro da Vila “C” e a vida com fim da obra.

Antes de apresentar os entrevistados, é importante elencar alguns pontos: todos os ex-trabalhadores ainda residem no bairro da Vila “C”, todos eram empregados da Unicon ou da Itamon e todos têm um sentimento predominantemente de orgulho e alegria de fazerem parte da construção de Itaipu.

A primeira entrevistada a ser apresentada é Vilma Martins Paco, atualmente dona Vilma está com 75 anos de idade. Antes de chegar à Foz do Iguaçu, morava na cidade de Maringá, no Paraná e trabalhava em hotéis.

Dona Vilma veio para Foz do Iguaçu a convite de seu cunhado que já trabalhava no setor administrativo de Itaipu. Ela chegou à cidade na metade do ano de 1979 e ficou seis meses desempregada, segundo ela foi seu cunhado que a sustentou neste período.

No início de 1980, conseguiu um emprego de copeira e posteriormente de ajudante de cozinha no Hospital Ministro Costa Cavalcanti, trabalhou lá até o ano de 1990, destes dez anos foram sete empregada pela Unicon e três trabalhando diretamente pela Itaipu. No ano de 1991 até 2003 trabalhou de copeira dentro do complexo da barragem de Itaipu, até se aposentar.

A segunda mulher entrevistada é Ivani da Silva Baltazar, ela está

²³ THOMPSON, Paul – **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro – RJ. Paz e Terra. 1992. Pág. 22.

atualmente com 66 anos e antes de chegar a Foz do Iguaçu, residia na cidade de Presidente Prudente, São Paulo.

Dona Ivani trabalhou de 1978 (ano que chegou a Foz do Iguaçu) até 1991, iniciou como zeladora e a partir de 1984 começou a trabalhar de copeira e depois de alguns anos de auxiliar administrativa na “prefeitura da Unicon” (situada no bairro da Vila “A” e responsável principalmente pela manutenção das casas nas vilas de Itaipu, assim como o controle de transferência e entrega das casas aos trabalhadores da usina). Com o fim da obra, trabalhou no colégio estadual Prof. Flávio Warken, no bairro da Vila “C”, como inspetora, de 1991 até se aposentar em 2006.

Nosso terceiro entrevistado é Valêncio Ferreira Dias. Seu Valêncio é natural de Laranjeiras do Sul, Paraná e está com 75 anos de idade e trabalhou em Itaipu de 1977 até 1991 como lubrificador de máquinas pesadas. Ele relata que foi um dos primeiros trabalhadores a conseguir uma casa no bairro da Vila “C”, chegou aqui com sua esposa e seus quatro filhos. Depois trabalhou por mais cinco anos como frentista dentro da usina.

Nosso quarto entrevistado é seu Antônio Nascimento Ferreira, natural de Ribeirão Claro, no estado do Paraná, está com 71 anos de idade e chegou a Foz do Iguaçu no ano de 1979 para trabalhar em Itaipu, onde permaneceu até 1990, trabalhando sempre no setor administrativo da empresa, ele era responsável por montar planilhas com estatísticas, contabilizando as horas e o material gasto de cada setor no decorrer da construção da barragem.

Antes disso seu Antônio trabalhou na barragem de Capivara, situada entre os municípios de Porecatu, Paraná e Taciba, São Paulo e na barragem de Foz do Areia, que está entre os municípios de Foz do Jordão e Mangueirinha, ambas as cidades do estado do Paraná.

3.1 O TRABALHO NA ITAIPU BINACIONAL

Neste tópico vamos analisar as memórias dos ex-trabalhadores de Itaipu sobre a jornada de trabalho, os acidentes que ocorriam na época e as greves que ocorreram em busca de melhores salários.

Iniciamos nossa análise mostrando como foi a adaptação do serviço em Itaipu e como era o sentimento de fazer parte da construção da usina.

Nossa análise se inicia com a dona Vilma, em nenhum momento do início da entrevista, quando falava do tempo em que foi sustentada pelo seu cunhado, dona Vilma reclamou das condições de vida de Foz do Iguaçu e quando foi abordado sobre o seu serviço em Itaipu a memória positiva prevalece:

*“Igor: Como que era trabalhar em Itaipu?
Vilma: Foi muito boa! Foi a melhor época da minha vida. A Unicon e a Itaipu foi uma mãe pra todo mundo, quem não comprou uma casa foi porque não quis”.*²⁴

Seu Valêncio também nos conta um pouco mais seu sentimento de fazer parte da construção de Itaipu e sobre a adaptação ao serviço. Ao ser indagado sobre o trabalho de Itaipu, a primeira palavra que seu Valêncio fala é que foi muito importante trabalhar na barragem, porque ela deu muita assistência e melhores condições de vida para ele e a sua família e assim como dona Vilma, eles nos lembra do ganho de dinheiro na época de Itaipu, fazendo com que esta memória se tornasse positiva:

*“Igor: Como era sua vida quando trabalhou em Itaipu?
Valêncio: A nossa chegada aqui nesta empresa foi muito importante, porque ela deu muita assistência a nossa família [...] Então, isso pra nós foi muito bom trabalhar nesta empresa, deu assistência a nossa família em tudo, né? E a gente ganhou dinheiro aqui nessa empresa como nunca tinha ganhado em parte nenhuma, né? Nós nunca tinha visto dinheiro como vimos aqui.”*²⁵

Quando foi feita esta pergunta mais geral sobre de como era a época de Itaipu, percebemos que em nenhum momento eles se lembram das

²⁴ Vilma Martins Paco. Entrevista realizada no dia 11/02/2015. Em sua residência.

²⁵ Valêncio Ferreira Dias. Entrevista realizada no dia 11/02/2015. Em sua residência.

condições do trabalho ou da moradia e sim o que vem em sua mente foram os benefícios e o dinheiro que eles ganharam na época.

Porém, quando avançamos na entrevista, um primeiro aspecto negativo aparece quando é abordada a adaptação ao trabalho. Segundo dona Vilma, o trabalho era muito cansativo por causa do serviço excessivo, porém ao ser questionada sobre a jornada de trabalho, segundo ela foi graças à extensa jornada de trabalho e às horas extras que eram feitas na época, que dava para ganhar bastante dinheiro:

Igor: Qual era a jornada de trabalho da senhora?

Vilma: Nós entrava as sete da manhã e saia as cinco da tarde e tinha uma folga por semana e um domingo por mês.

Igor: Fazia muitas extras?

Vilma: No começo nós fazia muito extra, nós trabalhava quatorze horas, sabe? O tanto que dava pra trabalhar nós trabalhava, trabalhava no dia da nossa folga, fazia muita extra. Aí depois que entrou a Itaipu acabou tudo [...] mas na Unicon você ganhava dinheiro mesmo.”²⁶

A terceirização dos serviços em Itaipu abriu uma brecha para que as extensas horas que o trabalhador passava no canteiro de obras da usina ou em outros setores não fossem regularizadas ou fiscalizadas.

Percebemos isso na fala de dona Vilma, ela trabalhou por três anos diretamente para a Itaipu, sem a interferência de empresas terceirizadas, e como foi citada no trecho da entrevista acima, ela não fazia extra quando trabalhava para a Itaipu e ao falar que “*depois que entrou a Itaipu acabou tudo*”, percebeu-se um tom de tristeza e a preferência de jornadas exaustivas em troca do dinheiro.

A ligação que seu Valêncio faz para explicar a dureza do trabalho e a jornada de trabalho é bem interessante:

“Eu fichei na obra, comecei a trabalhar, eu pensei que não ia aguentar

²⁶ Vilma Martins Paco, op. cit.

o trabalho, viu? Era pesado e correria demais né? Mas como eu sai da roça, fui uma pessoa que nunca tive medo do trabalho, só que eu pensei, trocar turno a gente não era acostumado, né? Uma semana de dia, uma semana de noite, aí a gente estranha muito, né? [...] Então foi um trabalho muito estranho pra mim, correria demais, mas a gente acostuma com todas as coisas. Mesma coisa que você entrar no quartel, você entra no quartel e é tudo estranho no começo, você vai começar, vai aprender. Aí o que acontece, no dia a dia do trabalho, você vai pegando conhecimento, vai acostumando, quando você vê naquela correria, você tá aguentando o trabalho e não tem trabalho que pare você.”²⁷

Na fala de seu Valêncio fica evidente como era árduo o serviço em Itaipu, normalmente os empregados trabalhavam 12 horas por dia, além disso, faziam dobra, que era no momento da troca de turno, onde um empregado entrava às sete horas da manhã de sábado e saía às sete horas da manhã de domingo e na segunda-feira na parte da noite já retornava ao trabalho.

Não podemos esquecer que grande parte da obra de Itaipu foi construída no período de ditadura militar no Brasil e no Paraguai e esta ligação que seu Valêncio faz com quartel para explicar o serviço pode ir além de “aprender algo novo”, podemos analisar que no canteiro de obras, o regime autoritário estava presente nos encarregados gerais e a vigilância sobre estes trabalhadores era constante, seja no canteiro de obras, seja nas vilas de Itaipu ou nos alojamentos ao lado da construção, soma-se a isso o medo constante da perda do emprego e sucessivamente a perda dos benefícios para os seus familiares e da moradia na Vila “C”.

Outro ponto que pretendemos analisar foram os acidentes que ocorreram na época da construção da barragem. Por ter trabalhado no Hospital Costa Cavalcanti, dona Vilma presenciou várias pessoas acidentadas que chegavam ao local:

“Igor: A senhora presenciou muitos acidentados no hospital?”

²⁷ Valêncio Ferreira Dias, op. cit.

Vilma: Vi filho, vi muito acidentado. [...] Uma vez eu fui levar água lá no centro cirúrgico, tinha um balde embaixo aparando o sangue do cara que tava deitado na maca [...] e não era divulgado. [...] A gente sabia mas não podia falar, porque aí já compromete né? Talvez até a sua pesquisa. [...] Tinha gente que chegava lá que era eletrocutado, tinha que dar banho com folha de eucalipto, porque ninguém aguentava o cheiro, sabe? [...] Via os mortos passar pela rampa e ia pro necrotério e a rampa ficava bem do lado da cozinha.”²⁸

Como vemos no trecho acima, algo faz dona Vilma querer parar de falar do assunto, já que segundo ela na época os trabalhadores do hospital não poderiam falar sobre os acidentados que chegavam, dizendo que poderia até prejudicar a pesquisa. Neste momento da entrevista sentiu-se um grande desconforto de dona Vilma em abordar sobre os acidentados.

Dona Vilma tem consciência do autoritarismo que rondava a barragem ao dizer: “a gente sabia, mas não podia falar, porque aí já compromete”. Mesmo não tendo mais nenhum vínculo com Itaipu, ela ainda parece sentir o mesmo receio que tinha na época da construção e quando fala que a informação poderia comprometer a minha pesquisa, dona Vilma sabe que o que acabou de relatar é um contra-discurso em relação à memória positiva que a usina construiu sobre si mesma.

O posicionamento de seu Antônio sobre os acidentes que ocorreram na época de Itaipu foi de cautela, ele nos conta que aconteciam sim acidentes, ele até cita vários exemplos de acidentes que ocorriam no canteiro de obras, mas assim como dona Vilma, algo em sua memória parece segurá-lo, impossibilitando que o mesmo nos conte algo a mais. Seu Antônio nos conta que na época não era permitido ver o ocorrido ou contar sobre o mesmo:

*Igor: O senhor presenciou muitos acidentes?
Antônio: Não, acidente mesmo eu não, porque eu ficava muito tempo dentro do escritório.
Igor: Mas ouvia falar alguma coisa?
Antônio: Sim, ouvia. Caiu um armador, caiu um servente, uma máquina*

²⁸ Vilma Martins Paco, op. cit.

atropelou um trabalhador, um guindaste arrebentou a lança, caía e machucou três, quatro. Você ouvia falar, mas não tinha acesso pra ir lá ver, porque eu 90% estava dentro do escritório e eu não convivia dentro do campo. ²⁹

Para reforçar este pensamento de que na época da construção de Itaipu, os trabalhadores eram privados de presenciarem um acidente ou contarem algo a respeito, usamos a fala de seu Valêncio:

*“Igor: O senhor lembra ou presenciou algum acidente?
Valêncio: eu nunca presenciei, tive sorte que eu nunca presenciei um acidente, só ficava sabendo. Na verdade isso era meio sigilo, não contavam muito, seguranças não contavam muito, mas depois a gente ouviu falar alguma coisa, que até me admiro, não sei se foi verdade, mas eu nunca vi.”* ³⁰

Quando Ihe é perguntado sobre os acidentes que aconteciam em Itaipu, ele nos conta praticamente o mesmo que seu Antônio: que ocorriam sim acidentes, porém não eram divulgados e ele ainda acrescenta que teve sorte em não ter presenciado nenhum acidente.

Ao dizer que teve sorte, podemos supor que seu Valêncio ouvia muitos relatos dos colegas de acidentes que ocorriam na obra e ao falar que até se admira com o que ouviu com o fim das obras reforça a teoria de um controle total da empresa em relação aos empregados.

O sigilo imperava no canteiro de obras, já que quando acontecia algum acidente, não se podia comentar sobre o mesmo e as atividades de construção da usina não eram interrompidas por causa de algum acidente.

A tese de mestrado de Odirlei Manarin, *Peões da Barragem*, traz uma abordagem interessante quando o assunto é acidentes, a pesquisa usa como fontes, entrevistas orais com ex-trabalhadores de Itaipu e outros materiais, como os informativos da Unicon, ele nos mostra que a Itaipu com a Unicon fizeram inúmeras campanhas de prevenção de acidentes e premiavam

²⁹ Antônio Nascimento Ferreira. Entrevista realizada no dia 29/02/2016. Em sua residência.

³⁰ Valêncio Ferreira Dias, op. cit.

os setores que não tivessem acidentes:

“A segurança no trabalho teve outros contornos a partir de 1980, quando a empresa lançou em conjunto com a CIPA (Comissão Interna de Prevenção a Acidentes) e o Departamento de Higiene e Segurança do Trabalho a campanha “Sem Acidentes” para instruir os operários a reduzirem o número de acidente ao mínimo. Utilizando cartazes, faixas em pontos estratégicos para serem lidos pelos operários, projeção de filmes de frases educativas e a premiação aos setores que não registrassem acidentes durante o mês”³¹

Com esta prática, a Itaipu e a Unicon passaram a responsabilidade dos acidentes para os seus empregados, já que elas dariam todo o suporte na prevenção dos mesmos.

Nosso último tema que será analisado neste tópico são as greves que ocorreram na época da construção de Itaipu. Aconteceram duas greves, uma em 1987 e outra em 1989, ambas reivindicavam melhores salários para os trabalhadores e foram organizadas pelo Sindicato de Trabalhadores na Construção Civil de Foz do Iguaçu.

Quanto para a dona Vilma como para dona Ivani, as greves não interferiram em suas rotinas de trabalho, já que elas não trabalhavam no canteiro de obras e sim no bairro da Vila “A”, dona Vilma no hospital e dona Ivani na “Prefeitura da Unicon”. Talvez seja por este motivo que ambas relataram pouco sobre a greve, disseram que sabiam que ocorreu, mas não estavam a par de como foi.

Seu Valêncio nos conta que participou “superficialmente” da greve, ele nos relata que preferiu ficar em casa descansando, já que estava impossibilitado de adentrar o canteiro de obras, esta parte de sua entrevista mostra como ele participou da greve:

“Igor: O senhor participou de algum momento da greve?”

³¹ MANARIN, Odirlei – **Peões da Barragem, Memórias e relações de trabalho dos operários da construção da hidrelétrica de Itaipu – 1975 a 1991**. Marechal Cândido Rondon – PR. Biblioteca da UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), 2008, p. 65.

Valêncio: Sempre a gente ia, mas dizer que ia lá e ficar acompanhando o povo, lá não, ficava mais em casa. [...] Mas um pouquinho a gente ia, porque era da nossa empresa, todo o povão tava lá, a gente ia dava uma volta e vinha embora pra casa.”³²

Os três entrevistados anteriores trabalharam apenas na barragem de Itaipu, já seu Antônio que trabalhou em outras duas barragens foi o entrevistado que esteve mais a par das greves de Itaipu e nos compartilha como a primeira greve ocorreu:

Igor: Eu li que ocorreram duas greves, uma em 1987 e outra em 1989, o senhor participou destas greves?

Antônio: Foi geral, né? Não entrava ninguém na obra [...] Nesta de 87 foi geral, foi quatro dias parada a obra mesmo, tiraram todo mundo lá de dentro, só ficou mesmo em caso de alguma emergência,

segurança, ficou lá dentro, mas parou tudo, concreto, parou geral.

Igor: Qual o motivo da greve?

Antônio: É que entrou sindicato, queriam aumento de salário, queriam umas reivindicações, queriam que a gente ganhasse salubridade, queriam que a gente ganhasse hora de transporte, porque não era só chegar na firma e bater o cartão sete horas e aquela uma hora antes que levantava pra ir trabalhar, eles (o sindicato) queriam que a gente ganhasse aquela hora. Aí entraram em greve, aí chegaram em um acordo de aumento, não descontaram os dias perdidos, aí negociaram lá um pouco de horas lá.

Igor: O senhor só participou da greve porque não pode trabalhar?

Antônio: Eu fui trabalhar e não deixaram eu entrar, então a gente vai ter que ficar pra fora, eu vinha pra casa, eu vou fazer lá o que? Aí o cara falava: não, você vai ter que participar aqui, vai ficar revezando, um pouco cada um aqui, não deixa ninguém entrar. Aí fiquei lá umas duas, três horas, vinha pra casa, aí descia mais um pouco de noite, ficava até onze horas da noite, depois vinha pra casa descansar, aí levantava no outro dia seis horas ia pra lá.[...] Essa foi a greve que nós tivemos, foi violenta, mas foi todo mundo.

Igor: Violenta em que sentido?

Antônio: Violenta assim, ninguém trabalhou, parou tudo, foi geral. Não

³² Valêncio Ferreira Dias, op. cit.

deixaram entrar nem o engenheiro visitante. ³³

Seu Antônio nos relatou o que fez na greve, a partir de sua fala é possível notar que a adesão foi grande, já que para o entrevistado a palavra “*violenta*”, é usada como sinônimo para caracterizar a adesão dos trabalhadores na greve. Interessante citar que seu Antônio não quis comentar sobre a segunda greve, onde teve a presença do exército na mesma³⁴.

Manarin também trabalha a questão da greve com seus entrevistados, onde alguns até citam a violência do exército, com o uso de baionetas, ferindo muitos trabalhadores, o sindicato chegou a soltar uma nota de esclarecimento sobre o ocorrido:

“Nota do Sindicato

A classe operária brasileira sofreu nos últimos meses o mais brutal arrocho salarial de todos os tempos. Tal perda hoje ultrapassa os 40 por cento e é fruto de perdas que tivemos desde a decretação do Plano Cruzado até a inflação de junho de 87, de 25 por cento, que não foi incorporada ao salário dos trabalhadores. Face a isto e baseado no acordo firmado em 1º de junho de 1987, onde temos garantido que tão logo se mudasse a política salarial no país voltaríamos a negociar, tentamos por mais de um mês negociar a reposição salarial, e os patrões não cederam em nada, se posicionando da forma mais intransigente possível. Criado o impasse, a categoria optou pela greve, e a resposta das empresas foi jogar para cima dos trabalhadores a polícia e o Exército, ferindo gravemente 16 companheiros a golpes de baioneta. Porém os trabalhadores não se deixaram intimidar e continuam firmes com a máxima disposição de continuar com a greve. Temos hoje a adesão de mais de 90 por cento dos operários à greve, e dos operários hoje no canteiro, pelo menos 300 estão presos e impedidos de sair da obra. Por último, temos a ressaltar que em nenhum momento tivemos o propósito de afetar a geração de energia da usina. Nossa luta é com as empreiteiras da construção civil. Não justifica a atitude irresponsável

³³ Antônio Nascimento Ferreira, op. cit.

³⁴ Manarin, Odirlei, op. cit, p. 100.

da Itaipu em jogar para cima dos operários a polícia e o Exército, com todo este aparato de guerra. Até a vitória!

Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil de Foz do Iguaçu.³⁵



Figura 5 Entrada da Vila "C" com a presença do exército, em 1989 na segunda greve dos trabalhadores de Itaipu. Autor e ano desconhecidos. Foto retirada do grupo do Facebook "Memórias da Vila "C".

A nota que o sindicato lançou denuncia a truculência com que os trabalhadores foram recebidos pelo exército e pela polícia e explica as motivações do início de uma greve em busca de um salário melhor aos trabalhadores da usina. Mesmo criticando a Itaipu com a decisão de colocar o exército e a polícia contra os grevistas, o sindicato necessita negociar com o discurso de Itaipu sobre o "progresso", necessita se apropriar dele, e ressalta que, em nenhum momento, tiveram a intenção de afetar a produção de energia elétrica, o que indica a intensidade desse discurso desde a época da construção da usina.

³⁵ Apud MANARIN, Odirlei, *ibidem*, p. 100-101.

3.2 O BAIRRO DA VILA “C”

A partir do segundo tópico deste capítulo vamos aprofundar na vivência dos ex-trabalhadores da Itaipu, no bairro da Vila “C” e seu afastamento com o restante da cidade, analisando três aspectos: a segurança, a privacidade e as moradias.



Figura 6 Vista aérea do bairro da Vila "C" na época da construção de Itaipu. A foto mostra os barracões onde suportava quatro casas (duas a frente e duas atrás). Fonte e ano desconhecidos. Foto retirada do grupo do Facebook "Memórias da Vila "C".

No projeto inicial de Itaipu, a Vila “C” seria um bairro provisório e dividido em dois, a Vila “C” Velha (construída em 1975) e a Vila “C” Nova (construída em 1978), que ao fim das obras ambas deveriam ser demolidas, porém com a finalização das obras, estes ex-trabalhadores continuaram residindo no bairro.

Por se tratar de uma construção provisória, as casas da Vila “C” eram bem mais modestas que as residências das Vilas “A” ou “B”. As moradias eram divididas em barracões, cada barracão continha quatro casas, com o teto de zinco, forro de isopor, portas e janelas de madeira e com as mesmas cores: paredes brancas e portas e janelas marrons. As casas tinham dois ou três

quartos, área de serviço, quintal na parte da frente, sala, banheiro e cozinha.

O bairro contava com um colégio, o Anglo Americano, um hospital (atual posto de saúde da Vila “C” Velha), um mercado da rede COBAL (atual Conselho Comunitário da Vila “C” Velha) e um centro de lazer (que não existe mais) voltado aos moradores da vila.

Como aconteceu nas outras vilas de Itaipu, a Vila “C” também contava com segurança da própria Itaipu, assim como os outros benefícios de isenção de aluguel, água e luz, pagavam apenas a taxa de manutenção das casas, que segundo os entrevistados era uma quantia bem pequena em relação ao salário que eles ganhavam:

“Igor: Na época o senhor não pagava luz nem água, pagava apenas uma taxa de manutenção, o senhor lembra o valor desta taxa? Valêncio: Era bem pouquinho, era coisa mínima [...] e além disso no começo nós tinha ajuda de custo, mesmo eu morando nesta casa aqui, acho que eu recebi ajuda de custo uns três meses”³⁶



Figura 7 Foto atual da Vila “C”. Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

³⁶ Valêncio Ferreira Dias, op. cit.

Como vemos na foto acima, as casas compartilham a mesma “parede de fundo”, a casa marrom fica na Rua Curitiba e a outra casa na rua abaixo, a Rio de Janeiro, os moradores destas casas são os “vizinhos de fundo” e toda a Vila “C” tem esta caracterização, além dos “vizinhos de fundo”, as casas são ligadas com os vizinhos do lado.

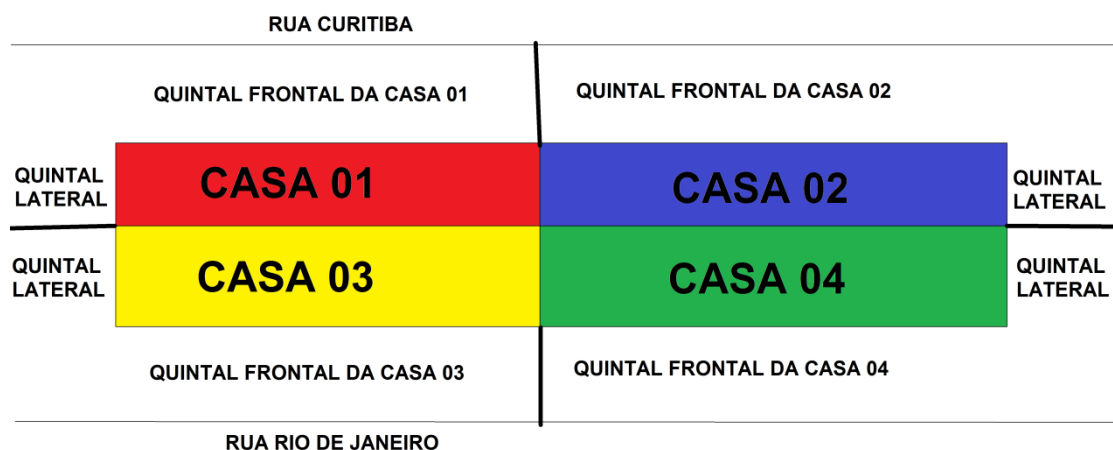


Figura 8 Na imagem temos uma visão aérea da divisão das casas da Vila "C". Os vizinhos 01 e 03 são os chamado vizinhos de fundo e os vizinhos 01 e 02 e 03 e 04 são vizinhos de lado.

Com as casas ligadas uma a outra, um grande problema aparece, a falta de privacidade, já que é possível escutar o que o vizinho está assistindo na televisão, o que ele está ouvindo no rádio, barulho de descarga do vaso sanitário do banheiro, conversas e brigas (e é assim até os dias atuais).

Além da falta de privacidade, entre os moradores da Vila “C”, dentre os quais me incluo, comenta-se outros problemas recorrentes no bairro, como a falta de arborização, a poeira, deixando as casas cheias de terra (esta poeira era tão intensa que quase todos os dias passava um caminhão-pipa que jogava água nas ruas para apaziguar um pouco a sujeira), com as chuvas, as ruas ficavam enlameadas, além da lama, por falta de um escoamento de água, era rotineiro a entrada de água nas casas quando chovia bastante, além da falta do tratamento de esgoto, que chegou ao bairro apenas no ano de 2015.

No livro de Luiz Eduardo Catta, *A Face da Desordem: pobreza e estratégias de sobrevivência em uma cidade de fronteira (Foz do Iguaçu, 1964-1992)*, no capítulo dedicado aos trabalhadores de Itaipu, o autor usa jornais e

revistas como fontes e não faz nenhum aprofundamento ou pesquisas diretas com os ex-trabalhadores de Itaipu, o que leva a alguns equívocos. O autor sugere que, com o fim da obra, todos os moradores da Vila “C” foram desapropriados e tiveram que procurar outro lugar para morarem:

“E ao serem dispensados das obras, estes trabalhadores e suas famílias foram morar nas favelas ou na periferia onde conseguiam pagar um aluguel em valores menores que os praticados nas áreas centrais ou em suas proximidades.

Nesses lugares, podiam sobreviver com o pouco de dinheiro que sobrou das indenizações, ou com os minguados trocados ganhos em expedientes fortuitos no cotidiano da fronteira, naqueles tempos de recessão da década de 80.”³⁷

É inegável que muitos trabalhadores, com o fim da construção de Itaipu, voltaram para as suas cidades ou procuraram outras barragens para trabalharem, porém uma grande parcela ainda reside no bairro da Vila “C”. É justamente entre esses trabalhadores que encontramos o discurso do “progresso” e da “modernidade” difundido por Itaipu.

Assim, ao contrário do que consta no livro de Catta, pretendemos nos aprofundar nessas memórias a partir de entrevistas orais e compreender com maior precisão se esse discurso também se manifesta na memória relacionada a outros âmbitos sociais, pretendemos ir além do âmbito meramente econômico/do emprego.

Analisando as memórias do ex-trabalhadores de Itaipu, iniciaremos com a privacidade. Dona Vilma compartilhou como que era viver na Vila “C”:

“Igor: Quando mudou para a casa da Vila “C”, a senhora demorou para se acostumar?

Vilma: Olha eu demorei um pouco, por causa do barulho, muito barulho, mas depois foi acostumando, acostumando. No começo era barulho demais, ouvia os vizinhos (neste momento a entrevistada fez

³⁷CATTA, Luiz Eduardo – op. cit., p.201-202

um gesto que ouvia as relações sexuais dos vizinhos). Agora não, agora tudo tem corta forro (paredes que são erguidas acima do forro para amenizar os ruídos dos vizinhos).³⁸

Dona Vilma estranhou a falta de privacidade das casas da Vila “C” e o fato de poder ouvir mesmo de forma involuntária, tudo que os seus vizinhos estavam fazendo.

Este ainda é um problema enfrentado por todos os residentes da Vila “C”, já que a estrutura das casas não mudou. Seu Valêncio lembra também da falta de privacidade da Vila “C” e o estranhamento do formato das casas do bairro:

“Igor: Quando o senhor veio morar na Vila “C”, estranhou muito o formato das casas?

Valêncio: A gente estranhava, viu? Muito! Que na verdade, até hoje eu reclamo disso aí, o engenheiro que fez isso aqui, poderia ter feito melhor (risos). Aqui tinha uns vizinhos que morou deste lado aqui, meu Deus dava trabalho para nós. Um dia minha esposa escolhendo feijão, escolheu dois pacotes de feijão escutando a briga, ficou preocupada e quando viu tinha escolhido dois pacotes de feijão. E outra coisa, eram tudo forrada de isopor estas casas, aquele isopor dava uma alergia na gente rapaz, meu Deus do céu. E o calor? Então em partes aqui a gente sofreu mas acostumamos com o sofrimento, né? Hoje nós fizemos corta-fogo, nós ampliamos do jeito que nós queria, ampliou essa casa né? E falar a verdade, pra quem acostumou aqui, não vou dizer que não tenha lugar melhor que este aqui, tem né? Mas nós queremos morar aqui na Vila “C”.³⁹

Na fala de seu Valêncio, fica evidenciado todo o sofrimento que os moradores da Vila “C” passaram na época da construção de Itaipu, a privacidade novamente se mostra nula, a casa com um forro provisório de isopor, além da alergia, se deteriorava muito rapidamente, além de ser um material altamente inflamável.

³⁸ Vilma Martins Paco, op. cit.

³⁹ Valêncio Ferreira Dias, op. cit.

Na fala de seu Valêncio percebemos que o mesmo se apropria da casa e do bairro e que foi através das melhorias que ele mesmo fez em sua residência, tornou o local um lugar melhor para viver. Seu Valêncio tem uma ligação afetiva com o bairro da Vila “C”, mas isto não o impede de perceber os problemas presentes no bairro.

Quando os moradores começaram a compra das moradias da Vila “C” (processo que vamos mostrar no terceiro tópico), as adequações nas casas foram frequentes, como a colocação do “corta-forro”, que é o aumento das paredes além do forro para amenizar a falta de privacidade, construção de muros à frente e nos lados e a troca das janelas ou a colocação de grades na mesma. Com isso os moradores da Vila “C” adequaram as casas de acordo com as suas necessidades, tornando um lugar melhor para viver. Atualmente não existem mais casas como na época da construção da barragem.

Percebemos que no aspecto das moradias da Vila “C”, o “progresso” no discurso deles e delas não exclui a consciência sobre os “custos” deste processo e suas limitações.



Figura 9 Acima vemos os barracões na época da construção de Itaipu e abaixo uma foto atual da Vila “C”, percebemos como o bairro foi modificado. Atualmente não existem mais casas como na foto acima. Fonte: foto acima ano e autor desconhecidos. Foto retirada do grupo do Facebook “Memórias da Vila “C” e foto abaixo arquivo pessoal, 2016.

Seu Antônio morou em duas casas na Vila “C”, uma quando trabalhava em Itaipu e outra a partir de 1991, ele nos conta como era o bairro da Vila “C” e os cuidados que deveriam manter com as casas:

Igor: O que o senhor achava da estrutura da Vila “C”, na época da construção de Itaipu?”

Antônio: Era os quintal tudo aberto, não tinha nada de fechamento, de muro, grade. Nada, nada, tudo bagunçado. Você entrava por aqui e saía lá na rua de cima [...] Então você estava nessa rua e queria ir na rua de cima, você passava pelo quintal do outro, tava tudo aberto. Só não entrava na casa, mas você passava beirando a cozinha do cara.

Igor: O senhor se acostumou com a casa?

Antônio: Acostumei, quando eu entrei aqui o cara não tinha feito nada, tinha feito uma garagem muito pequenininha. com quatro paus de madeira, pra não deixar o carro no sol, daí um ano eu comecei a reforma.

Igor: As reformas foram sempre nesta casa? [Casa que seu Antônio adquiriu a partir de 1991]

Antônio: Nessa aqui, na outra casa nós não podia mexer em nada, se eu quisesse pintar a casa, tinha que pedir autorização pra Unicon e fazer por minha conta ainda, a tinta e a mão de obra por minha conta ainda. E quando ela [Unicon] via que a casa tava muito suja, ela mandava os pintor dar uma pintada por fora, por dentro deixava, não mexia.

Igor: Se estragasse alguma coisa, quem arrumava era a chamada prefeitura da Unicon?

Antônio: Isso! Se estragasse alguma coisa, faziam a manutenção, deixava arrumadinha, só que quando estragasse a casa, você tinha que entregar sem defeito nenhum. Eles vieram fazer a vistoria na casa de cima [casa que seu Antônio morou quando trabalhava em Itaipu], o que tinha de probleminha, eles cobravam, descontavam do acerto da gente. Mas a gente sempre zelou bem a casa, eles não acharam nada de estragado, um pouco suja a parede mas faz parte. ⁴⁰

Ao se morar dentro de uma casa que pertence à própria Itaipu, a empresa estendia a vigilância e o controle sobre o empregado fora do canteiro

⁴⁰ Antônio Nascimento Ferreira, op. cit.

de obras, já que as casas passavam por vistorias quando fossem devolvidas e o morador não poderia modificar sua residência, perdendo sua própria identidade.

A disciplinarização no ambiente de trabalho se estendia à moradia, impondo regras sobre como deveriam ser mantidas. É interessante como seu Antônio mostra preocupação com a “parede suja”, apesar de considerar normal que sujasse com o tempo. Consideramos que as melhorias que os moradores da Vila “C” fizeram em suas casas, quando a compraram de Itaipu foi uma forma de trazer sua identidade e autonomia de sua própria vida de volta, além de reconquistar a privacidade.

Como falamos no primeiro capítulo, quando a usina foi construída, ao mesmo tempo em que trouxe avanços econômicos para a cidade de Foz do Iguaçu, Itaipu também foi responsável pela divisão da cidade.

Ao longo dos treze anos que trabalhou em Itaipu, dona Ivani trabalhou por sete anos no que ela denomina como prefeitura da Unicon, explicando um pouco mais sobre o seu trabalho, evidenciamos a divisão que existia na época, entre as Vilas de Itaipu com o restante de Foz do Iguaçu:

*“Igor: O que exatamente era esta prefeitura da Unicon?
Ivani: Então, lá na Vila “A” era a prefeitura da Unicon, então era o setor das casas. A prefeitura [da Unicon] que tomava conta das casas na Vila “A” e na Vila “C” tinha outra. Então a gente fazia manutenção das casas. Lá trabalhava o pessoal da manutenção, os pedreiros, carpinteiros, encanador, pintor, o pessoal do escritório e o engenheiro que era o nosso chefe.”⁴¹*

A partir da experiência de trabalho de dona Ivani temos a dimensão da tamanha divisão que existia na época, já que Itaipu / Unicon criaram um setor conhecido como prefeitura, que cuidava das Vilas “A” e “C”, o poder municipal não chegava a estes bairros e era a usina a responsável por gerir as casas e as vilas.

Além da “Prefeitura da Unicon”, Itaipu era responsável por tudo

⁴¹ Ivani da Silva Bertazzolli. Entrevista realizada no dia 18/02/2015. Em sua residência.

na Vila “C”: lazer, saúde, educação e segurança e é este último ponto que vamos analisar a partir de agora.

Iniciaremos com a memória de dona Vilma, perguntamos a ela sobre o contato que ela tinha com o restante de Foz do Iguaçu, ela nos responde um pouco sobre o lazer que tinha aqui na Vila “C” e rapidamente se lembra da segurança do bairro:

“[...] A gente se divertia mesmo era aqui na Vila “C”, porque aqui tinha muito divertimento,[...] tinha baile em tudo que era lugar, até aqui em casa, era muito bom.[...] E outra coisa, não tinha perigo, você podia andar a qualquer hora da noite, dormir de porta aberta, que não tinha perigo nenhum. [...] Quem cuidava era os guarda da Itaipu, se um guarda da Itaipu passasse duas, três horas da manhã e a sua casa e a janela estava aberta, ele vinha, batia: “ô, fecha a janela”, porque era tudo aberto.

Igor: Tinha polícia na Vila “C”, ou quem cuidava da segurança eram os guardas de Itaipu?

Vilma: eram só eles, tinha uma guarita ali [entrada principal da Vila “C”], só passava quem era revistado. ”⁴²

Para a dona Vilma, morar na Vila “C” na época de Itaipu era muito bom, havia várias opções de lazer como os citados bailes nas casas, assim como o controle de quem entrava e saía do bairro, já que na entrada da Vila “C” tinha uma cancela que controlava tudo. Além da cancela, os guardas de Itaipu eram responsáveis pela patrulha do bairro e contavam com uma guarita dentro da Vila “C”, eram para lá que os moradores se dirigiam quando ocorria qualquer problema.

⁴² Vilma Martins Paco, op. cit.



Figura 10 Casa do bairro da Vila "C" usada como guarita da segurança de Itaipu. Autor e ano desconhecidos. Foto retirada do grupo do Facebook "Memórias da Vila "C".

Percebemos na fala de dona Vilma como a Vila "C" era controlada na época da construção de Itaipu, desde a entrada da vila até o mais íntimo dos moradores, como no caso de janelas e portas abertas das casas. Porém a lembrança da segurança de Itaipu na Vila "C" é visto como algo positivo, já que quando a vila era vigiada pela empresa não tinha tantos casos de violência e roubos como ocorreram no início dos anos 90, não só na Vila "C", mas como em toda a cidade de Foz do Iguaçu.

A segurança na época da construção da barragem era diferente da que temos hoje. Como a Vila "C" fazia parte da Itaipu, ela também recebia uma vigilância com os mesmos padrões do canteiro de obras, sendo um espaço de segurança nacional e uma segurança restrita aos funcionários de Itaipu.

Além disso, o objetivo principal da segurança de Itaipu não era proteger em si o trabalhador e sua família, mas garantir que o empregado não se desviasse da sua função, que era de construir a barragem.

O relato de dona Vilma desconsidera os problemas de violência que Foz do Iguaçu passou na época de finalização da construção da hidrelétrica, problemas estes que foram agravados com a Itaipu, já que milhares de pessoas ficaram sem emprego com o fim da construção da

barragem e partiram para o trabalho informal, tanto em Foz do Iguaçu como em Ciudad del Este, no Paraguai.

Quando chegamos ao ponto da segurança de Itaipu, temos a memória mais traumática de nossa entrevista com o seu Valêncio, em um primeiro momento ele cita que a segurança na época da Itaipu era muito boa para o bairro da Vila “C”, tendo em vista que só entrava quem era autorizado, como ele nos conta nesta fala:

“Segurança maravilhosa aqui, né? Era guarnecida essa vila aqui, que pra entrar uma pessoa estranha aqui, tinham os guardas, os guardas tinham barreira na entrada, tinha que se identificar lá, se entrasse um carro estranho eles já barravam, vinham atrás. Uma vez eu vinha vindo com um caminhão, indo em um aniversário na cidade, aí chegou um sobrinho meu caminhoneiro, aí quando eu tava saindo da minha casa, ele chegou com o caminhão e eu falei: vamos em um aniversário, já estamos saindo e ele foi com nós. Aí quando foi de volta ele falou: Tio, agora leva o caminhão. Eu vinha vindo dirigindo o caminhão, chegou ali os guardas barraram nós, caminhão estranho, né? Ai até nós contar o quê que tava, fazendo, mesmo que eu morava aqui, ainda teve trabalho. Mas era uma segurança muito boa.”⁴³

Na primeira fala de seu Valêncio, suas memórias são positivas e ele relembra com bom humor como era a segurança na Vila “C”, com a história do caminhão que foi barrado na entrada da vila.

Perguntamos também como ele se sentia com a rígida segurança de Itaipu:

*“Igor: O senhor me falou que os seguranças de Itaipu tinham uma barreira, que entrava apenas quem eles autorizavam, o senhor não se sentia incomodado com esta segurança tão rígida?
Valêncio: A gente se sentia um pouco, mas hoje por exemplo depois que passou todas as coisas, o quê que e a gente notou: enquanto eles estavam aqui não acontecia nada de ruim, era uma segurança maravilhosa, eles cuidavam muito [...] e naquela época a gente até se*

⁴³ Valêncio Ferreira Dias, op. cit.

sentia oprimido, né? Porque era demais as coisas.”⁴⁴

Como vemos o relato de seu Valêncio, assemelha com a memória de dona Vilma e ele deixa ainda mais explícito o controle que a segurança de Itaipu tinha no bairro da Vila “C”.

A segurança se tornava uma extensão do canteiro de obras dentro do bairro e isso deixava seu Valêncio incomodado, ou como ele mesmo fala “*oprimido*”. Mas ele liga a segurança de Itaipu sendo positiva, por causa do aumento da criminalidade quando o bairro foi entregue para a prefeitura de Foz do Iguaçu.

Quase no final da entrevista, perguntamos se ele já teve algum problema com os seguranças de Itaipu:

*“Igor: O senhor teve algum problema com os seguranças de Itaipu?
Valêncio: Eu acho que eles agiram certo, a segurança aí foi muito boa, eu gostei demais. Em toda parte que trabalhava, pelo menos comigo nunca tive problema. Bom, pra não dizer que não teve problema, teve um problema, teve um problema sério comigo [...] Eu tava na obra ainda, por causa da segurança ser tão rigorosa [...] aí quando foi um dia, meu filho já tinha a oficina, tava começando a oficina dele na cidade e meu filho me chamou para eu ir lá pegar um carro e trazer pra minha casa, uma Brasília e depois o cliente vinha pegar aqui. [...], eu vinha vindo com os meus filhos, trabalhava lá com eles também. Meu filho falou assim: “Leva pai essa Brasília lá na sua casa, lava ela, dá uma olhada no óleo da caixa, que o cliente vai pegar ela lá”. Aí eu fui levar meu filho que morava no Jardim Lancaster e eu com dois filhos dentro do carro, eu sai daqui sem documento, sem nada, fui lá a trabalho, né? Peguei o carro e vim, rapaz, entrei na Vila “A”, fui na Avenida 3 [atual Avenida Silvio Américo Sasdeli, Vila “A”], fui lá em cima, aí quando essa guarda de Itaipu, faziam rondas na Vila “A”, aí quando eles viram aquela Brasília tudo suja de barro, uma Brasília branca, chegou uma viatura, mandou encostar, pediram meus documentos e eu falei: “não tenho meus documentos aqui, eu não trouxe”. Aí não deixou eu nem conversar, meu filho ainda falou pra mim: “Pai, fica quieto, não conversa.”. Pediram o documento do carro e*

⁴⁴ Valêncio Ferreira Dias, *idem*.

eu não tinha também. Não deu tempo nem de eu explicar que era funcionário da empresa, eu sendo funcionário da empresa, isso foi uma sacanagem terrível, que até hoje eu sinto muito isso aí, né? Não deu tempo nem de explicar, chamou outra viatura, pônhou nós no meio de duas viaturas, levou pro posto deles, como fosse bandido, como fosse ladrão, aí na hora de descer do carro, foi revistar dentro do carro e meu filho por falta de entendimento, piá novo, falou assim: “Tem documentos aí”, aí quando ele falou um guarda virou e meteu a mão no pescoço dele assim (mostrou a forma que o guarda bateu em seu filho), deu um tapa no meu filho, falou assim: “Fica quieto, tá me chamando de ladrão?”. E revistou e não tinha nada, nós tava a trabalho rapaz, graças a Deus. Aí chamou o guarda lá do DETRAN e mandou nós preso pra lá, ficou apreendido o carro lá no pátio do DETRAN [...] Aquilo lá, eu quase morri por causa daquilo lá. O companheiro dele (do guarda que agrediu o filho de seu Valêncio), falou pra mim: “Olha, vai lá dentro do canteiro, faz queixa, não fala que eu tô falando pra você, vai lá e faz queixa, porque o que ele fez, ele agiu errado com vocês” e eu fui e fiz a queixa dele lá. Ai foi marcado uma audiência na Vila “A”, ele não foi e marcaram outra depois de trinta dias e eu não aguentei, sabe o que é você perder as forças, não podia nem lembrar daquilo, queria desmaiar, fui ficando nervoso [...] aí não compareci mais, porque o que vale é a palavra deles, né?”⁴⁵

A crescente violência na cidade de Foz do Iguaçu tem ligações com o fim da obra de Itaipu, já que a empresa dividiu a cidade em duas, esta divisão fica clara quando seu Valêncio nos conta que *“não deu tempo nem de eu explicar que era funcionário da empresa, eu sendo funcionário da empresa, isso foi uma sacanagem terrível”*, a partir deste relato, podemos supor que o tratamento que a segurança de Itaipu tinha com os empregados era diferente com o restante da população de Foz do Iguaçu.

Ao ser indagado sobre a segurança de Itaipu, seu Valêncio tem em um primeiro momento uma memória positiva, ligando sempre a segurança da usina com os baixos números de violência presente no bairro a Vila “C”.

Em um segundo momento, antes de perguntar novamente sobre o tema dos guardas de Itaipu, foi citado que existiam relatos de que a guarda

⁴⁵ Valêncio Ferreira Dias, *ibidem*.

de Itaipu era opressora com os empregados, assim seu Valêncio inicia o seu discurso dizendo que havia uma segurança muito boa e organizada, mas seu semblante muda quando se lembra da agressão que seu filho sofreu, assim como a desistência de justiça quanto ao que aconteceu, já que segundo ele o lado de lá (os guardas de Itaipu) sempre tinham razão.

Nota-se, assim, uma oscilação e uma tensão entre a memória da “segurança” que teria existido no bairro, o que indicaria uma relação “paternal” entre Itaipu e os trabalhadores, e a memória da agressão sofrida pelo filho, o que romperia esta relação e evidenciaria um confronto entre um “nós” (os trabalhadores) e um “eles” (os guardas de Itaipu).

Porém, um fato chama a atenção, o fato que aconteceu com seu Valêncio não impediu que relatasse a memória de uma boa segurança que teria existido no bairro da Vila “C”, e ele faz questão de frisar que a agressão aconteceu apenas com um guarda.

A memória de seu Valêncio de que a Vila “C” era mais segura na época em que a empresa fazia a segurança do bairro parece ser decorrente do aumento da violência nos anos seguintes na cidade de Foz do Iguaçu, aumento este que foi, justamente, uma das heranças deixadas pelo término da obra de Itaipu. Ele cita o nome do guarda, mas por questões de sigilos é preferível que o mesmo não apareça aqui, já que segundo seu Valêncio o mesmo tem vínculo empregatício com Itaipu até os dias atuais.

Seu Valêncio foi o ex-trabalhador que teve o relato mais forte da época de Itaipu, já que presenciou uma agressão dos seguranças de Itaipu ao seu filho. No início de sua entrevista tudo foi um privilégio: o trabalho, os benefícios e a ascensão social, econômica e familiar que Itaipu trouxe para a sua vida. Porém quando chegamos ao ponto em que ele relatou a agressão, fica visível uma mistura de sentimentos, gratidão e dor. Gratidão por ter ficado tanto tempo trabalhando em Itaipu e com isso conseguir “melhorar de vida” e dor por ter presenciado a agressão ao seu filho, onde ele mesmo nos disse que não gosta de lembrar sobre o que ocorreu, já que segundo ele dói até hoje se lembrar daquele dia.

3.3 A VIDA COM O FIM DAS OBRAS

No último tópico deste capítulo vamos abordar o pós-trabalho em Itaipu, o processo de aquisição das casas e as ações trabalhistas movidas por estes ex-trabalhadores.

O processo de passagem das casas da Itaipu para os moradores foi tortuoso, já que a empresa imobiliária responsável por todo o trâmite de venda e compra das casas não cumpriu com o combinado e abandonou o processo ao meio, deixando pendências com a Caixa Econômica Federal.

A situação das casas de Itaipu foi arrastada na justiça por um longo período e apenas em 2006 teve um desfecho favorável para os moradores da Vila “C”, já que Itaipu Binacional, Caixa Econômica Federal e os moradores entraram em acordo com a venda das casas⁴⁶, mas mesmo assim muitos moradores não tinham o dinheiro para saldar a dívida e tiveram suas casas indo para leilão. Não foi o caso dos entrevistados desta pesquisa, já que todos conseguiram obter as escrituras das casas.

Com exceção de seu Antônio, seu Valêncio, Dona Vilma e Dona Ivani enfrentaram processos parecidos para conseguirem comprar a casa que era de Itaipu e conseguirem a escritura das mesmas. Além disso, dona Ivani teve que pagar duas vezes para conseguir comprar a casa, uma para a Cohafrenteira⁴⁷ e outra com o acordo feito em 2006:

“Igor: Como é que foi o processo de compra da casa?”

“Ivani: Essa casa aqui foi assim, no início a venda foi pela Cohafrenteira que tinha né? E a gente comprou mas não sei se era legal ou não era, a gente comprou e depois a gente teve que pagar novamente, acho que não era certo ou não posso dizer se era também né? É que pra mim foi ótimo e consegui comprar a minha casa e ficou

⁴⁶ **Moradores da Vila C recebem escrituras de casa.** Disponível em: <http://www.itaipu.gov.py/sala-de-imprensa/noticia/moradores-da-vila-c-recebem-escrituras-de-casa?page=2>. Acesso em: 03 de Março de 2016.

⁴⁷ Cohafrenteira foi a imobiliária responsável em fazer a venda das casas de Itaipu para os moradores Vila “C”, no decorrer do processo foram encontradas irregularidades, fazendo com que Caixa Econômica Federal não validasse a escritura dos imóveis.

tudo bem. ⁴⁸

Na fala de dona Ivaní, vemos que para ela foi mais importante conseguir quitar a casa do que ir atrás de “justiça”, já que ela pagou por duas vezes para obter a escritura da casa. E mesmo tendo que pagar por duas vezes pela residência, no fim do relato ela volta a dizer que foi ótimo e que no fim ficou tudo bem.

A grande maioria dos ex-trabalhadores de Itaipu moveram alguma ação trabalhista contra a Unicon e a Itaipu. Com o fim do seu vínculo com Itaipu, dona Vilma acionou a empresa na justiça, a ação trabalhista pedia o pagamento de horas extras e outros direitos que os consórcios não pagavam para os seus empregados⁴⁹.

*Igor: A senhora colocou a Itaipu na justiça?
Vilma: Coloquei, demorou um pouco para sair, mas foi com este dinheiro que saiu que eu consegui quitar a minha casa.
Igor: Mas por que a senhora colocou a Itaipu na justiça?
Vilma: Nós colocamos porque ela (Itaipu) não pagava a salubridade, já que trabalhava no hospital, sabe? E não pagava negócio de fronteira, não sei o que lá de fronteira. Aí todo mundo começou a colocar e todo mundo ganhou.”⁵⁰*

No trecho acima, vimos que a Vila “C” é vista como uma conquista para os moradores, através de muito trabalho duro e não propriamente como um “legado” de Itaipu para a cidade de Foz do Iguaçu. Dona Vilma ressalta que a sua casa foi comprada com o dinheiro ganho na justiça, referente a direitos antes ignorados pela Unicon e Itaipu. Mais do que isso, Dona Vilma indica conhecimento sobre esses direitos que eram ignorados.

Há ainda outro ponto em seu relato que merece ser destacado: a ação trabalhista como uma ação coletiva, o que nos indica o estabelecimento

⁴⁸ Ivani da Silva Bertazzolli, op. cit.

⁴⁹ MANARIN, Odirlei - op. cit., p. 121.

⁵⁰ Vilma Martins Paco, op. cit.

de redes de solidariedade e conscientização entre os ex-trabalhadores e ex-trabalhadoras, de tal modo que o resultado foi positivo na justiça.

Seu Valêncio também moveu uma ação contra a Unicon e a Itaipu:

*“Igor: O senhor colocou a Itaipu na justiça?
 Osvadino: O pior que nós colocamos, [...] foi uma mãe pra nós [a Itaipu], mas saiu dali, foi um na frente e começou todo mundo colocando na justiça. Na verdade a gente nem sabia os direitos que tinha pra receber e só na justiça nós conseguimos.
 Igor: o senhor demorou muito tempo para receber?
 Valêncio: O meu não demorou muito tempo não, só que eu fui pouco beneficiado com isso aí, porque esse negócio aí, quem levou na justiça, aí eu não sei o que os juízes faziam, que teve gente que tirou muito dinheiro com isso aí, teve gente que tirou 200 mil reais com isso, teve gente que tirou 100 mil reais. Em todos os direitos que eu tirei ali, que não foi só um, foi mais do que um processo, eu consegui uns vinte e poucos mil. Mas teve gente que não colocou, na esperança de continuar com o emprego, então teve gente que não aproveitou isso”⁵¹*

Quando as obras da barragem estavam chegando ao fim, vários trabalhadores entraram com uma ação trabalhista contra a Itaipu e a Unicon, reivindicando alguns direitos que a Itaipu não pagava, assim como a correção das horas extras.

A história da ação trabalhista, por si só, representa um contraponto à memória positiva que a Itaipu constrói sobre si e apresenta alguns aspectos interessantes nas memórias dos entrevistados. Além do que destacamos acima com Dona Vilma, com seu Valêncio não foi diferente, notamos no discurso dele que o mesmo parecia incomodado em ter que mover uma ação trabalhista contra a empresa que teria lhe dado melhores condições de vida, mas parece justificar a sua ação “deslocando” a responsabilidade pela ação na justiça a um grupo indefinido de trabalhadores: “foi um na frente e

⁵¹ Valêncio Ferreira Dias, op. cit.

começou todo mundo colocando na justiça.” Porém, em seguida, o mesmo declara que entrou com mais de um processo e, além disto, se mostra insatisfeito com o resultado, pois outros teriam conseguido indenizações maiores.

Ao dizer que a Itaipu era uma mãe, seu Valêncio reproduz e mantém o discurso que a empresa construiu sobre si. No entanto, a lembrança da ação trabalhista entra em confronto com essa imagem de mãe e não é casual que seu Valêncio, quando indagado sobre os trabalhadores terem colocado Itaipu na justiça, afirme “O pior que nós colocamos”. O *pior* indica um contraste entre a memória positiva construída pela empresa e a memória das experiências vividas pelos trabalhadores.

Além disso, no cotidiano do bairro da Vila “C”, é presenciado boatos por parte de alguns moradores do bairro, de que a Itaipu e a Unicon tentaram chantagear seus ex-empregados, dizendo que se os mesmos movessem uma ação trabalhista, dificultariam um futuro emprego na Itaipu ou em outras barragens que viriam a ser construídas no Brasil.

Seu Antônio foi um exemplo de uma parte dos trabalhadores que não colocaram a Itaipu na justiça na esperança de continuar trabalhando na barragem:

Igor: O senhor colocou a Itaipu na justiça quando saiu?

Antônio: Não, me arrependi. Se eu tivesse posto e poderia ter ganhado uns troquinhos a mais. Muita gente conseguiu ganhar.

Igor: E por que o senhor não colocou?

Antônio: Porque o comentário era de quem pusesse a firma na justiça, não ia conseguir fichar em outra firma. Por exemplo: Eu coloquei a Unicon na justiça, a Unicon sabia, avisava todas as outras barragens que eu tinha movido uma ação contra ela, aí a outra firma não ia fichar eu e eu como precisaria trabalhar fichado em outro lugar, aí eu fiquei com medo, né? Já pensou chegar em uma firma para trabalhar, ô rapaz você não pode trabalhar com nós, colocou a Unicon na justiça, então não podemos dar emprego pra você, e aí? Aí deixava pra lá”.⁵²

⁵² Antônio Nascimento Ferreira, op. cit.

A Itaipu e a Unicon usaram o medo ao seu favor. Difundia-se que, se o empregado colocasse a Unicon na justiça, não iria mais trabalhar em barragens e este medo afetou seu Antônio.

Dentre todos os entrevistados, seu Antônio foi o que teve mais experiências diversas de trabalhos; em 1991 foi embora para Maringá para tocar uma lanchonete, com a possibilidade da compra de uma casa na Vila “C”, voltou para o bairro e trabalhou por pouco tempo como porteiro e recepcionista, foi trabalhar no transporte de mercadorias oriundas do comércio paraguaio, conhecido como laranja (pessoas contratadas por terceiros para passarem mercadorias do Paraguai para o Brasil).

Neste quesito que está o arrependimento de seu Antônio: apesar de não ter movido uma ação trabalhista contra a Unicon, o mesmo nunca mais conseguiu trabalhar em barragens, já que Itaipu foi a última grande construção de hidrelétrica do Brasil, somando a crise que atingiu o Brasil, que se acentuou na década de 1980, fazendo com que o governo ditatorial passasse por um grande declínio.

Ao perguntar para dona Vilma sobre qual foi o seu sentimento com o fim da obra, ela nos conta que não se desesperou em ter perdido o emprego em Itaipu, já que continuou com a casa e ainda recebeu por mais alguns meses o vale-alimentação.

Pouco tempo depois de ser demitida voltou a trabalhar em Itaipu no ano de 1991 como copeira, agora dentro do complexo de Itaipu, onde se encontra a barragem e não mais no hospital e permaneceu até 2003 quando se aposentou. Essa reinserção no mercado de trabalho logo após o término da obra talvez nos ajude a compreender o relato de dona Vilma quanto à sua “tranquilidade” com o final da construção.

Seu Valêncio se aposentou com o fim da obra de Itaipu e como vimos, foi o entrevistado que teve uma memória bem traumática em decorrência da segurança de Itaipu. Mesmo assim, seu sentimento de ter trabalhado em Itaipu foi positivo, já que segundo ele foi graças a Itaipu que ele pode ter uma vida financeira melhor.

Dona Ivani, por toda sua entrevista mantém uma postura

“fechada” em relação aos problemas que ocorreram na época da construção de Itaipu.

Podemos supor que esta visão predominantemente positiva de dona Ivani tem ligações com o local de seu trabalho, afastado do canteiro de obras de Itaipu, ela não presenciou a rotina da construção da barragem e para ela tudo foi ótimo, já que segundo ela, tudo mudou para melhor quando chegou para trabalhar em Itaipu.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Itaipu Binacional foi além de ser apenas uma usina hidrelétrica, ela buscou a todo o momento sempre firmar que seu “progresso” seria mais importante do que as perdas que a mesma trouxe para a região.

A cidade de Foz do Iguaçu mudou por completo com a construção de Itaipu, porém na época uma grande segregação entre os moradores de Foz do Iguaçu e os trabalhadores da barragem ficou evidente, todo o progresso que Itaipu se propôs a trazer para a cidade foi sentida principalmente pela região norte, onde residiam os trabalhadores de Itaipu.

Como vimos no primeiro capítulo, Itaipu tentou construir uma memória para mascarar ou minimizar as críticas, mostrando trabalhadores e toda uma população que foram favorecidos com a construção de Itaipu.

Por isso é essencial a presença dos relatos orais dos quatro entrevistados que mostramos no segundo capítulo, com eles percebemos o que está além dos números. Todos os ex-trabalhadores tem uma memória geral positiva sobre a Itaipu, muitas vezes ligada aos salários e benefícios da época. Porém quando indagamos temas como acidentes, moradias e jornadas de trabalho, percebemos que a memória destes trabalhadores não é tão positiva assim, e eles param de repetir o discurso progressista que Itaipu montou.

REFERÊNCIAS

CATTA, Luiz Eduardo, **A Face da Desordem – Pobreza e estratégias de sobrevivência em uma cidade de fronteira (Foz do Iguaçu / 1964-1992)**. São Paulo – SP. Blucher Acadêmico, 2009.

COUTO, Ronaldo Costa. **História indiscreta da ditadura e da abertura: Brasil: 1964-1985**. 3ª ed. Rio de Janeiro, RJ. Editora Record. 1999.

CHIAVENATO, Julio José, **Stroessner: Retrato de uma ditadura**. São Paulo – SP. Brasiliense. 1980.

LE GOFF, Jacques – **História e Memória**, 5ª edição. Campinas – SP. Editora da Unicamp. 2003.

LIMA, Ivone Teresinha Caletto de, **Itaipu: as faces de um mega projeto de desenvolvimento (1930-1984)**. Niterói – RJ. Germânica. 2004.

MAZZAROLLO, Juvêncio, **A taipa da injustiça. Esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu**. 2ª edição. São Paulo – SP. Coedição Loyola e Comissão Pastoral da Terra do Paraná. 2003.

MONTEIRO, Nilson, **Itaipu, a Luz**. Curitiba – PR. Itaipu Binacional / Assessoria de Comunicação Social. 1999.

MANARIN, Odirlei, **Peões da Barragem, Memórias e relações de trabalho dos operários da construção da hidrelétrica de Itaipu – 1975 a 1991**. Marechal Cândido Rondon – PR. Biblioteca da UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná). 2008.

MENEZES, Alfredo da Mota, **A herança de Stroessner: Brasil – Paraguai, 1955 – 1980**. Campinas – SP. Papyrus. 1987.

RIBEIRO, Maria de Fátima Bento – **Memórias do Concreto, vozes da construção de Itaipu**. Cascavel – PR. Edunioeste, 2003.

SILVA, P.R., **Memória, História e Cidadania**. P. 327 – 346. Cadernos do CEOM – Ano 23, n. – ETNICIDADES. Chapecó - SC.

SOUZA, Aparecida Darc. **As elites e a construção da memória de Foz do Iguaçu**. In: III Seminário Internacional de História, 2007. UEM – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR.2007.

THOMPSON, Paul, **A voz do Passado, História Oral.** São Paulo
- SP. Paz & Terra, 1992.

FONTES ORAIS – DEPOIMENTOS

Antônio Nascimento Ferreira, 71 anos. Entrevista realizada em 29/02/2016, em sua residência.

Ivani da Silva Bertazzolli, 66 anos. Entrevista realizada em 18/02/2015, em sua residência.

Valêncio Ferreira Dias, 75 anos. Entrevista realizada em 11/02/2015, em sua residência.

Vilma Martins Paco, 75 anos. Entrevista realizada em 11/02/2015, em sua residência.

REFERÊNCIAS DA INTERNET

Com obras aceleradas, casa provisória da Unila está quase pronta. JIE – Jornal de Itaipu Eletrônico. 01/06/2009. Disponível em: <http://jie.itaipu.gov.br/node/39758>. Acessado em: setembro de 2015.

Espaço preserva história de Itaipu. JIE – Jornal de Itaipu Eletrônico. 09/09/2008. Disponível em: <http://jie.itaipu.gov.br/node/36457>. Acessado em: setembro de 2015.

Ex-barrageiro que ajudou a construir o Homem de Aço revê a sua obra. JIE – Jornal de Itaipu Eletrônico. 27/07/2015. Disponível em: <http://jie.itaipu.gov.br/conte%C3%BAdo/ex-barrageiro-que-ajudou-construir-o-homem-de-a%C3%A7o-rev%C3%AA-sua-obra>. Acessado em: setembro de 2015.

Memorial vai homenagear os 40 mil barrageiros. JIE – Jornal de Itaipu Eletrônico. 03/09/2007. Disponível em: <http://jie.itaipu.gov.br/node/31687>. Acessado em: setembro de 2015.

Memórias: de volta a casa. JIE – Jornal de Itaipu Eletrônico. 23/08/2011. Disponível em: <http://jie.itaipu.gov.br/node/48077>. Acessado em: setembro de 2015.

Painel do Barrageiro está pronto para ser visto. E fotografado. JIE – Jornal de Itaipu Eletrônico. 19/10/2007. Disponível em: <http://jie.itaipu.gov.br/node/32514>. Acessado em: setembro de 2015.

Painel do Barrageiro. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/turismo/painel-do-barrageiro>. Acessado em: setembro de 2015.

Tratado de Itaipu. Disponível em: http://www2.aneel.gov.br/arquivos/PDF/dlg1973023_IATIPU.pdf. Acessado em: agosto de 2014.

ANEXOS

ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE VILMA MARTINS PACO

Neste trabalho será anexada apenas uma transcrição das quatro entrevistas, como meio de mostrar a metodologia de perguntas usadas para obter os trechos que constam neste trabalho.

Entrevista de Vilma Martins Paco, 71 anos. Entrevista realizada em sua residência no dia onze de fevereiro de 2015.

Igor: A senhora poderia iniciar contando como que chegou aqui, a senhora veio morar aqui nesta casa? Como é que foi a chegada da senhora em Foz do Iguaçu?

Vilma: Aqui, a minha chegada aqui em Foz foi assim: eu vim passear aqui na casa da minha irmã e meu cunhado já trabalhava lá dentro da usina, daí como eu era só eu e os meus filhos, né? Aí ele falou: “- Vilma vem embora pra cá né?” Aí eu vim, fiquei na casa dele na Vila “A”, aí ele comprou uma casa lá no Morumbi e eu fui mora lá com meus três filhos, daí de um tempo eu ganhei casa lá no Paraguai.

Igor: Lembra que ano foi?

Vilma: Eu não lembro, eu vim pra cá em 82, foi mais ou menos em 81, lá na área seis, daí ele não deixou porque naquele tempo fechava as ponte, aí os alunos tinha que passar por dentro sabe? Aqui por dentro da usina pra poder vim estudar aqui, sabe? Então era meio difícil. Ele falou: “- não você não vai não, você vai ficar aqui”. Aí quando foi em 82, porque quando nós ainda morava assim nas casas, a gente ganhava ajuda de custo, sabe? E quando a gente ganhava casa aqui na Vila “C” perdia ajuda de custo. Aí eu ganhei aqui a casa em 82, que eu vim pra cá com meus filhos.

Igor: Como que a senhora conseguiu o serviço, foi quando morava com seu cunhado?

Vilma: Morava com meu cunhado. Meu cunhado me sustentou seis meses, porque eu não tinha como sobreviver com os meus filhos e eu não tinha conseguido vaga ainda. Aí olha só o quê que ele fez, ele pegou os meninos, colocou em dependências deles pros menino poder estudar, aí quando foi em 82, eu consegui vaga de copeira lá no hospital. Aí eu trabalhei um ano de copeira, daí eles me deram a promoção de ajudante de cozinha.

Igor: Mas lá no hospital também?

Vilma: Lá dentro do hospital, lá no hospital né? Aí eu trabalhei de 80, junho de 80 até dezembro de 90, eu trabalhei lá no hospital.

Igor: A senhora ficou lá dez anos?

Vilma: Bem dizer, 10 anos e meio né? Dez anos vamos supor, dez anos. Daí eu sai né? Fiquei sem emprego, aí foi quando a Itaipu começou pega as firma, assim as empreiteiras sabe? Aí foi quando eu fichei na Engeserv em 91.

Igor: Mas antes quando a senhora estava no hospital, era direto pela

Itaipu?

Vilma: Não, eu trabalhei na Itaipu só de 87 a 90, antes eu trabalhava na Unicon, mas tudo no hospital.

Igor: Aí de 87 até 90 a senhora trabalhou direto pela Itaipu?

Vilma: Direto pela Itaipu, até hoje eu nunca esqueço o meu número do meu crachá, era 1820 (risos). Então daí eu saí de lá.

Igor: Aí a senhora entrou novamente depois aqui dentro da Itaipu?

Vilma: Aí eu entrei na Engeserv em 91, aí fui trabalhar no quilômetro zero. Pois tinha o quilômetro zero, ali tinha tudo, funcionava tudo, até que eles desmancharam. Aí o meu chefe me transferiu aqui pra Fibra, aí eu trabalhei aqui na Fibra.

Igor: Fibra é?

Vilma: A Fibra, ela trabalha direto pela Itaipu, direto na Itaipu, mas não bem direto na Itaipu. Aí eu vim trabalhar aí quando era negócio de aposentadoria, sabe? Trabalhava de aposentadoria pros funcionários da Itaipu. Aí eu não lembro que ano que eu fui lá pra dentro, pras copa lá dentro. Aí eu trabalhei lá até 2003.

Igor: Aí depois se aposentou, ou antes, já estava aposentada?

Vilma: Aí em 2003 eu me aposentei.

Igor: E a senhora veio de onde mesmo?

Vilma: De Maringá, mas eu sou natural do Ceará.

Igor: Fazia tempo que estava em Maringá?

Vilma: Desde 59

Igor: Veio a senhora com os filhos?

Vilma: Veio eu e três filhos.

Igor: Quem que era?

Vilma: O Vagner, o Valdenir e o Vladimir e a Jussara ficou com a minha mãe, aí depois que ela veio para cá eu já morava aqui.

Igor: E essa casa como que a senhora conseguiu?

Vilma: Essa casa foi assim, quando a gente saía da firma, eles perguntava, né? “- A senhora vai ficar com a casa?” A gente falava: “vamo”. Aí não precisava sair da casa.

Igor: Mesmo não estando mais trabalhando?

Vilma: Mesmo sem eu tá trabalhando, ficava na casa. Aí foi quando a COHAFRONTTEIRA veio e financiou a casa pela COHAFRONTTEIRA. Deu tudo aquele rolo, tudo aquilo, tudo aquela coisa sabe?

Igor: Mas a senhora conseguiu quitar a casa também quando o meu pai conseguiu?

Vilma: Aí eu quitei a minha casa.

Igor: Sim! Quitou agora em 2010?

Vilma: Eu não lembro se foi em 2010.

Igor: Foi quando teve aquele acordo?

Vilma: Eu acho que eu quitei a minha casa primeiro que o seu pai. Foi antes, porque teu pai pagou mais barato na casa do que eu, porque eu paguei nessa casa aqui 3800 [reais].

Igor: E lá como é que era o trabalho da senhora no hospital?

Vilma: Trabalhei, lá a gente fazia comida pros paciente. Era assim, nós tinham três cozinheiro e o resto era tudo ajudante de cozinha e copeira,

tinha 16 copeira, em torno de oito de manhã e oito na parte da tarde que chegava até a noite, né? E a gente fazia comida pros pacientes. Eram três cozinheiro, dois faziam comida, comida geral, comida pros pacientes que podia comer comida geral e tinha a cozinheira que fazia comida pros paciente mais doente. Leve, essas comidinha e pras crianças, né? E daí a comida pros funcionário vinha da usina.

Igor: A senhora fazia comida só para os pacientes?

Vilma: Era só pros paciente, a comida pros funcionário do hospital vinha da usina, a Kombi, porque naquela tempo era Kombi, não era Van, né? iam buscar as comida, então vinha nos carrinho grande, sabe? E ali nós servia a comida pros pacientes.

Igor: E tinha alguma divisão de trabalho?

Vilma: Tinha divisão, por exemplo, nós como era ajudante de cozinha e copeira só tinha direito de casa na Vila "C". Aí de chefe pra cima era na Vila "A", aí engenheiro na Vila "B".

Igor: Mas eu digo no hospital, lá também tinha esta divisão quando alguém se acidentava? Por exemplo, os engenheiros ficavam em uma ala, outros trabalhadores em outra, a senhora lembra?

Vilma: Não, era assim: porque tinha os apartamentos, se os engenheiro ficava doente, eles tinham o apartamento só deles, ficavam só eles, sem misturar com outras pessoas.

Igor: A senhora presenciou muitos acidentados no hospital?

Vilma: Vi filho, vi muito acidentado, eu vi acidentado ali de ... as vezes de levar água. Uma vez eu fui levar água lá no centro cirúrgico, tinha um balde embaixo aparando o sangue do cara que tava deitado na maca, muito acidente, muito acidente.

Igor: E era coisa que não era divulgado, né?

Vilma: E era divulgado, uma coisa que era por dentro.

Igor: Eu perguntei para outro entrevistado, ele falou que não sabia muito não.

Vilma: A gente sabia, mas não podia falar, porque aí já compromete né? Talvez até sua pesquisa. Mas tinha muitos acidentes, tinha gente que chegava lá que era eletrocutado e tinha que dá banho com folha de eucalipto porque ninguém aguentava o cheiro, sabe? Gente queimado.

Igor: Mas a senhora ficava mais na cozinha?

Vilma: Mais na cozinha

Igor: A senhora distribuía a comida também?

Vilma: Eu distribuía a comida quando eu era copeira.

Igor: Depois ficou só lá dentro?

Vilma: Só lá dentro, aí a gente não via nada, só via os morto passar pela rampa e ia pro necrotério e a rampa ficava bem do lado da cozinha.

Igor: Qual era a jornada de trabalho da senhora?

Vilma: Nós entrava as sete da manhã e saía as cinco da tarde e tinha uma folga por semana e um domingo por mês.

Igor: Fazia muitas extras?

Vilma: No começo nós fazia muito extra, nós trabalhava quatorze horas, sabe? O tanto que dava pra trabalhar nós trabalhava, trabalhava no dia da nossa folga, fazia muita extra. Aí depois que entrou a Itaipu aí acabou

tudo.

Igor: Mas na época da Unicon tinha bastante?

Vilma: Tinha, na Unicon você ganhava dinheiro mesmo.

Igor: E era sempre pago em dia?

Vilma: A Unicon foi uma das melhores firmas, comida boa, os melhores cozinheiros eram os cozinheiros da Unicon. Todo pagamento em dia.

Igor: E os benefícios também?

Vilma: Tudo, escola, hospital, tudo escola particular que era no Anglo Americano.

Igor: A senhora tinha algum contato com os paraguaios? Também tinha algum paraguaio que trabalhava lá?

Vilma: Só brasileiros, nós não tinha contato com paraguaios, só com os brasileiros.

Igor: Como que era trabalhar em Itaipu?

Vilma: Muito boa! Foi a melhor época da minha vida. A Unicon e a Itaipu foi uma mãe pra todo mundo, quem não comprou uma casa pra morar é porque não quis.

Igor: A senhora via muita gente reclamar, na época?

Vilma: Não via ninguém reclamando não.

Igor: Não sei se a senhora já leu o jornal "Nosso Tempo", mas tinham relato de um trabalhador de Itaipu, na época ele estava doente e a Itaipu iria cortá-lo, em sua entrevista para o jornal, ele cita que a comida era ruim e quando comida ele pesava mal, era verdade?

Vilma: Era as melhores comidas que existia era as comida lá de dentro, olha tinha logo quando eu entrei, lá no hospital devia ter umas duas mil pessoas trabalhando mais ou menos, os lanche era presunto, queijo, bolacha, leite, café, chá...

Igor: E em quantidades que a senhora nunca tinha visto antes?

Vilma: Nunca, comida, as comida sobrava.

Igor: Aí trazia para casa, como é que era?

Vilma: Olha, nós não podia trazer né? Mas sobrava nós trazia né? Mas não podia trazer o que sobrava era desperdiçado, era tudo jogado, lá dentro da usina era tudo jogado dentro do rio, pros peixe, tudo pro peixe.

Igor: A senhora se espantou com a grandiosidade da obra?

Vilma: Ah, quando eu cheguei aqui, aí eu me espantei.

Igor: Porque era muita gente, né?

Vilma: E olha, vou lhe contar uma coisa: quando eu sai em 91, eu fui trabalhar em um restaurante na cidade, eu não comia a comida de lá, eu! Trabalhando na cozinha eu não comia a comida de lá, porque a comida... as cozinha do hospital era impecável, era limpa limpa, olha não tinha... mas podia ir quem quisesse ficava lá pra fiscalizar, mas não achava nada, era impecável.

Igor: Era sempre limpinho?

Vilma: Tudo parede, forro, exaustor, fogão, chão. Era impecável.

Igor: A senhora teve algum contato fora da Vila "C", tirando que senhora trabalhava na Vila "A", no Costa Cavalcanti, a senhora tinha algum contato fora? A senhora saia para algum lugar? Ia muito al centro ou ficava só nessa região mesmo?

Vilma: Não, a gente se divertia mesmo era aqui na Vila “C”, porque aqui a gente tinha muito divertimento.

Igor: Tinha bastante coisa?

Vilm: Tinha baile em tudo qualquer lugar, até aqui em casa. Era muito muito bom.

Igor: Ai não tinha muito contato com o restante da cidade?

Vilma: Não, não tinha não, antes não tinha contato era só aqui, porque não precisava nós sair daqui porque aqui era... e outra coisa não tinha perigo, você podia andar qualquer hora da noite, dormir de porta aberta que não tinha perigo nenhum.

Igor: Quem cuidava era os guardas?

Vilma: Quem cuidava era os guardas Era os guarda da Itaipu, se um guarda da Itaipu passasse duas, três horas da manhã e a sua janela estava aberta ele vinha, batia: “o fecha a janela”. Porque era tudo aberto, não tinha cerca.

Igor: Tinha polícia na Vila “C” ou quem cuidava da segurança eram os guardas de Itaipu?

Vilma: Eram só eles, tinha a guarita ali, ali só passava quando era revistado.

Igor: E quando ocorria algum problema, ligava para eles vir resolver?

Vilma: Pra eles.

Igor: Quando mudou para a casa da Vila “C”, a senhora demorou para se acostumar?

Vilma: Olha eu demorei um pouco, por causa do barulho, muito barulho, mas depois foi acostumando, acostumando. No começo era barulho demais, ouvia os vizinhos (neste momento a entrevistada fez um gesto que ouvia as relações sexuais dos vizinhos). Agora não, agora tudo tem corta forro (paredes que são erguidas acima do forro para amenizar os ruídos dos vizinhos). Até tua mãe quando tava grávida de você, ela tinha vontade de sair correndo na rua de nervoso por causa do barulho.

Igor: A senhora ficou sabendo da greve que teve? Que chegou a subir o exército aqui na entrada, a senhora lembra?

Vilma: Lembro, é porque eu não fui lá, né?

Igor: Mas o hospital também entrou em greve?

Vilma: Lá continuo normal, pro hospital eles deixavam passar, mas pra cá não deixa passar, trancou tudo.

Igor: E quando aconteceu, a senhor estava trabalhando no hospital?

Vilma: Quando aconteceu eu tava lá dentro lá dentro, aí nós tinha liberdade pra sair. Nós trabalhava no hospital, então nós tinha liberdade de trabalhar era livre.

Igor: E depois a senhora saiu para trabalhar neste restaurante e depois a senhora voltou para trabalhar em Itaipu?

Vilma: Voltei pra trabalhar na Itaipu terceirizada, trabalhei de 91 a 2003, de copeira.

Igor: E qual o seu sentimento lá em 90, quando soube que seria demitida?

Vilma: Você sabia que eu não... eu não me apavorei, não, não me apavorei. Aí eles ficaram dando valinho pra nós vários meses ainda

pagando, dando assistência sabe?

Igor: eu achei interessante que eles perguntaram se senhora iria ficar com a casa, né?

Vilma: Continuo com a casa.

Igor: É que quando a senhora saiu, eles perguntaram para a senhora?

Vilma: Perguntaram pra mim: “a senhora vai ficar na casa ou a senhora vai sair”, aí eu falei: “não, eu vou ficar com a casa”.

Igor: E a senhora não quis voltar para Maringá? Não pensou voltar para lá?

Vilma: Não, não porque eu tinha uma outra casa lá no Morumbi, se não ficasse nessa aqui, eu ficava lá.

Igor: Por que a senhora não queria sair de Foz?

Vilma: Não, porque foi aqui que eu criei meus filhos, eu casei meus filhos, me acostumei, mesmo com calor, me acostumei aqui.

Igor: Lá, quando a senhora trabalhava neste hospital, era muito pesado o serviço? No começo a senhora estranhou um pouco?

Vilma: Era muito... eu estranhei, estranhei porque você ver, tinha dia de nós lava 20 garrafa de 5 litros, porque era distribuído de manhã lanche pra todos os funcionário do hospital, ali no refeitório, garrafa de leite, garrafa de café. Aí acabou, não distribuía mais, aí os cafezinho era de carrinho das garrafa, distribuído de setor em setor, mas não tinha mais lanche, era só o café e leite, isso no hospital, era só café e leite.

Igor: Mas no começo a senhora chegou a estranhar um pouco? Era muita gente também?

Vilma: Era muito serviço, muita gente, muita muita muita. Olha tinha dia que nós embalava comida... eram dois carrinho térmico de comida pros paciente e carrinho grande, não era carrinho pequeno não, era uns carrinho que a gente embalava as comida e ponhava tudo nos carro térmico, aí os ajudante de cozinha, homem né? Levava os carrinhos lá em cima pras copeiras distribuir. Mas e era muito bom as comida, sobremesa boa, desde o iogurte, maçã melancia, sagu, gelatina, era muito, era muito boa as comida, porque você vê os médico comia a comida de dentro da cozinha, comia comida boa, filé mignon meu filho! Filé mignon era sempre assim.

Igor: Os médicos também trabalhavam pela Unicon?

Vilma: Era tudo pela Unicon, depois passou tudo pra Itaipu.

Igor: A senhora colocou a Itaipu na justiça?

Vilma: Coloquei.

Igor: A senhora conseguiu? Demorou para sair?

Vilma: Demorou um pouco para sair, mas foi com esse dinheiro que saiu, que eu consegui quitar a minha casa.

Igor: Mas por que a senhora colocou a Itaipu na justiça?

Vilma: Nós colocamos porque ela (Itaipu) não pagava a salubridade, já que trabalhava no hospital, sabe? E não pagava negócio de fronteira, não sei o que lá de fronteira. Aí todo mundo começou a colocar e todo mundo ganhou.

Igor: A senhora tem algum ponto que reclamar?

Não, porque foi ali que eu criei meus filhos e com muita fartura, com

muita fartura graças a Deus, foi ali que eu comecei a melhorar sabe? Ganhei a casa, não pagava água, não pagava luz, era tudo de graça, foi a melhor época da minha vida, grata por tudo, porque... está certo, não me apresentei pela Itaipu, me aposentei pelas firminha, mas tanto que eu tô tranquila, sossegada na minha casa, não tenho o que me queixar não.